

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CORPOREIDADE NA CAPOEIRA

DIOGO MENDES PEREIRA

**FLORIANÓPOLIS
JULHO 2007**

DIOGO MENDES PEREIRA

CORPOREIDADE NA CAPOEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Carlos Luiz Cardoso, - Orientador

**FLORIANÓPOLIS
JULHO 2007**

CORPOREIDADE NA CAPOEIRA

por

DIOGO MENDES PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com nota ____ como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, tendo sido apreciada pela banca examinadora formada pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso

Membro: Dr. Corte Real - Educação

Membro: Ms. Dráusio - Psicologia

Florianópolis, 13 de julho de 2007.

AGRADECIMENTOS

RESUMO

Atualmente nos deparamos com novas tendências nas ciências humanas e naturais, de modo geral, na Educação Física não é diferente, pois as novas maneiras de pensar o movimento humano (se-movimentar) e a corporeidade são cada vez mais estudadas nesta área. A importância de estudarmos a corporeidade na capoeira, está na ligação desta com a Educação Física, que é a de aproximarmos ambas e pensa-las a partir dos novos paradigmas das Ciências Humanas (Naturais e Sociais). Apresentaremos por meio do referencial teórico, alguns autores que utilizamos e que marcaram esta caminhada de formação de um pesquisador. Não temos a pretensão de um aprofundamento radical, mas na medida das possibilidades, alguns apontamentos que, nesta busca de formação como pesquisador, consideramos necessárias para a familiarização das discussões propostas e para a introdução destas novas dimensões da compreensão. Nesta pesquisa vimos que de certa forma, predomina uma ‘confusão’ nos professores e mestres quanto a compreensão de Corporeidade na Capoeira.

Vimos a falta ou mesmo a pouca compreensão das ‘dimensões humanas’ e os fenômenos na percepção, confundidos com os fenômenos mensuráveis externamente (tempo cronológico). Encontramos também uma grande ‘confusão’ nos relatos quanto à compreensão da Capoeira como um ‘símbolo’, que segundo Elias (1998), se manifesta a partir da ‘Quinta Dimensão Espaço-Temporal’. Assim a confusão atinge a compreensão nos domínios do caráter explicativo ‘briga’, como também na compreensão dos ‘estilos’, reduzidos às padronizações, ao ‘movimento correto’ e à ‘competição’.

Palavras Chave: Educação Física, Capoeira, Corporeidade.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.1	Origem do trabalho.....	09
1.2	Importância do trabalho.....	09
1.3	Objetivo Geral.....	10
1.4	Objetivos Específicos.....	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	11

2.1	06
2.2	07
2.3	08
2.4	09
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	Tipo de pesquisa.....	19
3.2	População e amostra.....	19
3.3	Instrumento para coleta de dados.....	20
3.4	Interpretação dos dados.....	20
4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	14
4.1	Bloco de identificação dos informantes.....	14
4.2	Bloco referente ao conhecimento sobre capoeira.....	15
4.3	Bloco de discussão dos estilos de capoeira.....	16
4.4	Bloco de discussão das formas de organizações.....	17
5	CONSIDERAÇÕES E SUJESTÕES.....	19
6	REFERENCIAS.....	20
ANEXO.....		40

1. INTRODUÇÃO

Atualmente nos deparamos com novas tendências nas ciências humanas e naturais, de modo geral, na Educação Física não é diferente, pois as novas maneiras de pensar o movimento humano (se-movimentar) e a corporeidade são cada vez mais estudadas nesta área.

Na Educação Física há uma crescente necessidade de aproximação desta com os desenvolvimentos científicos atuais que coloquem o ser humano em primeiro plano, pois o que encontramos nesta área é uma primazia da idéia de movimento humano de maneira mecanicista e que excessivamente objetiva a um predomínio das Ciências do Esporte que “*geralmente, define o movimento como um deslocamento no tempo e no espaço físico. Isso garante, segundo o paradigma empírico-analítico, a objetividade e a cientificidade da abordagem*” (KUNZ & TREBELS, 2006, p.23).

Colocar o ser humano em primeiro plano, desta maneira, torna-se fundamental, compreendendo este ser no estado corpóreo multidimensional que relaciona-se com um mundo constituído de outros corpos-vivos num constante movimento espaço-temporal.

Estas novas abordagens estão presentes em várias áreas do conhecimento, na Biologia encontramos, entre outros, nos trabalhos de Humberto Maturana, um chileno que desenvolve a Biologia do Conhecer; na Sociologia do Conhecimento com Norbert Elias e suas obras: O Processo Civilizador, Sobre o Tempo, A Sociedade dos Indivíduos entre outras, ele aponta para outras dimensões humanas e cita uma quinta dimensão do espaço-tempo. Na Psicologia Social com G. H. Mead temos a Teoria do Interacionismo Simbólico, na Física Quântica a indivisibilidade do átomo, na Educação Física com a Teoria do Se- movimentar de Kunz e Trebels. Em todas as áreas encontramos e percebemos a mudança dos velhos paradigmas¹ científicos para novos critérios, que estaremos nos aprofundando mais adiante, conforme o quadro síntese:

¹ Segundo Agostini (2007) “**paradigma** quer dizer que o **para** se protege de algo, se protege contra alguma coisa, e esta coisa é o **dogma** (da mesma raiz **digma**), que se pretende ‘ser uma autoridade infalível, inatacável inabalável. Então o **paradigma** quer dizer que ele é algo que se defende de uma pretensa rigidez (cristalização), dando o sentido de que ‘é como se fosse um dogma’ mas não o é”(p.29).

Quadro 1 – Campos de Conhecimento e Orientações de Paradigmas

Campo de Conhecimento	Orientações de Paradigmas	Autores
Antropologia Antropologia (Etno-Mitológica)	Mente e Natureza Culturas Indígenas Americanas	Gregory Bateson Carlos Castañeda
Artes (Marciais)	O Guerreiro (luta ‘interior’)	Aikido e outras
Biologia (do Conhecer) Biologia (da Informação) Biologia (fisiológica)	Teoria da <i>autopoiesis</i> Teoria dos Sistemas Processos/atividades vitais	Humberto Maturana Ludwig von Bertalanfy Diversos (Neurociências)
Comunicação (Humana) Comunicação (Agir)	Pragmática Teoria da Ação Comunicativa	Paul Watzlawick Jürgen Habermas
Educação	Maiêutica – Idéias à luz Pansofia – Tudo a todos Élan Vital e a criatividade Pedagogia da Esperança	Sócrates Comenius Henri L. Bergson Paulo Freire
Educação Física (esporte)	Concepção ‘Aulas Abertas’ Concepção crítico-emancipatória Corporeidade	R. Hildebrandt e outros Elenor Kunz Diversos
Filosofia Hermenêutica Fenomenologia Antropológica Fenomenologia (e Relações sociais) Filosofia das Ciências	O ‘modo-de-ser’/’ser-aí’ ‘Daseinsanalyse’ O ‘presente vívido’ (vivência) Revoluções científicas	Martin Heidegger Ludwig Binswanger Alfred Schütz Thomas Kuhn
Física (Gravidade Quântica)	Física quântica e física da mente humana	Roger Penrose e outros
Matemática	A lógica e a intuição na invenção (científica)	Henri Poincaré
Medicina (Neurociências)	Corpo não, mas sim ‘organismo vivo’/’corporeidade’/’corpóreo’	Diversos
Psicologia (Social) Psicologia (Profunda)	Interacionismo Simbólico Tempo psicológico	George H. Mead J. Krishnamurti & D. Bohm
Religião (e mitologias)	O processo do <i>re-ligare</i>	Diversas culturas
Sociologia (Configuracional)	Experiência do tempo e a 5ª Dimensão da Natureza	Norbert Elias

Fonte: Cardoso (2007).

Nos dias de hoje há uma grande inversão no que diz respeito à educação, de forma geral, criamos simbolicamente ferramentas para o cultivo do “ser” e acabamos educando o “intelecto” e as ferramentas se perdem e não atingem as respectivas ‘metas’.

Quando ensinamos uma criança a jogar capoeira (ferramenta) normalmente o que queremos é que a criança aprenda capoeira da maneira que penso que a capoeira é (simbólica), mas o que a capoeira é senão uma ferramenta para o ‘conhecimento de si’?

Encontramos estas mesmas questões em relação à Educação Física e os esportes, onde o professor de Educação Física muitas vezes na escola faz mais o papel de técnico, ensinando os esportes, as regras padronizadas das modalidades esportivas, a correção dos gestos como modelos, do que de um educador, ou seja, com a atenção dirigida ao ‘cultivo do ser’. Esta atenção dirigida ganha uma conotação ‘simbólica’.

Este condicionamento, ou seja, esta condição da mente e este afastamento, ou seja, afastar-se da mente ou ‘de si’ imposto aos indivíduos é o que necessita

urgentemente ser refletido num sentido de “desmodelar” nossos modos educacionais transgeracionais, conforme Elias (1998), e de colocarmos a objetividade, encontrada na Capoeira e na Educação Física como em todas as outras áreas do conhecimento, “entre parênteses”, conforme Maturana (2001, p. 37).

O que pretendemos neste trabalho é questionar esta questão da ‘corporeidade’ na Capoeira, pois acreditamos ser a capoeira o que mais permite, pelo fato de ser uma ‘mistura’, ou melhor, um conjunto de sistemas onde encontramos luta, dança, jogo, música e gestos, que fazem dela uma atividade cultural artística multidimensional, também podendo ser denominada uma ‘ação simbólica comunicativa’.

O problema é que encontramos esta “luta de libertação” extremamente objetiva e tratada pelos praticantes como se fosse uma possível “briga” e, que através dela podemos conseguir a liberdade. É esta ‘briga’ que dá origem, entre os capoeiras² um estado de ‘rivalidade’, confronto, competição. Mas há diferença entre “briga” e “luta”? Sim, porque a ‘briga’ é uma manifestação ‘externa’, ou seja, no tempo e no espaço (velho paradigma), enquanto a “luta” é uma manifestação ‘interna’, no ‘espaço-tempo’, ou seja, novo paradigma (na Teoria de Sistemas, no campo da Biologia, a partir da década de 1960 com Ludwig von Bertalanffy e na Física Quântica, no campo da Física, a partir da década de 1920 com Albert Einstein). Assim, desde esta época podemos melhor compreender o ‘ser humano’ para além desta dimensão da ‘briga’.

Não é raro encontrarmos pessoas brigando nas rodas de capoeira. E corrente que a culpa por estas brigas sejam postas na ‘forma’ como os capoeiras ‘se organizam’ nos dias atuais.

Os praticantes de Capoeira estão divididos hoje, em várias organizações como Grupos, Associações, Confrarias, Federações, entre outras.

Em todo Brasil, como também em outros países onde é praticada, os grupos são as organizações mais recorrentes dentro da prática desta ‘arte’. Numa pesquisa realizada via internet encontramos milhares destas instituições espalhadas por todo o mundo.

Os grupos geralmente possuem um nome próprio, uniforme, sistema de graduação³, que os definem e os diferenciam uns dos outros. Há também os grupos que

² Pra nos referirmos aos indivíduos que praticam e que ensinam a Capoeira estaremos utilizando o termo ‘capoeiras’ com letra minúscula e ‘Capoeira’ quando estiver designando esta manifestação cultural simbólica.

³ Sistema hierárquico utilizado em vários grupos de Capoeira da cidade de Florianópolis (geralmente representado por uma corda ou cordel que compõem o uniforme).

se organizam a partir de um ‘estilo’ de Capoeira, onde os dois mais difundidos são: o “Angola e o Regional”⁴, como também, os que não determinam um estilo em particular.

Estas formas de organização se fortaleceram a partir da década de 70 do século passado, quando houve um crescimento da prática da capoeira (ver FALCÃO, 2000).

A conservação destas instituições nas últimas décadas vem acompanhada de disputas de poder e “brigas” entre as pessoas do mesmo grupo, como também entre grupos diferentes, e a hierarquia é entendida como níveis de poder de um sobre o outro e utilizada como meio de dominação e controle.

Dentro de uma mesma cidade podemos encontrar mais de um destes grupos de capoeira e a relação entre estes nem sempre se dá de forma harmoniosa. Vemos uma constante movimentação de praticantes de um grupo para o outro, e a criação de novos grupos, feitas por praticantes insatisfeitos a cada dia que passa.

A partir destes problemas chegamos a questões norteadoras e pertinentes do nosso trabalho de pesquisa, como: o que é organização? Qual o significado de hierarquia? O que seria o ‘espaço-tempo’ como algo simbólico? Como fica a questão da ‘corporeidade’ diante dessas novas abordagens? Como a curso de formação de professores (na Educação Física) deveria abordar o tema ‘capoeira’? Seria “melhor” se não existissem estas organizações e estas hierarquias? Ou os problemas se encontram na maneira como as pessoas compreendem estas organizações e estas hierarquias? Então, se a corporeidade só pode ser compreendida quando do entendimento das dimensões, chegamos à pergunta principal deste trabalho que é: compreender **Qual é a percepção dos praticantes sobre a corporeidade na Capoeira?**

1.1 Origem do Trabalho

No curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, mais precisamente na disciplina optativa de Corporeidade, percebo uma necessidade de aproximação com este novo conceito de ‘se-movimentar’. Ele precisa ‘entrar’ na Capoeira, pois esta ‘arte’ é uma das que mais permite (entre outras), por ser um conjunto de sistemas que mistura dança, luta, jogo, música, e pela forma que a vimos entendida por seus praticantes atualmente, pois eles não compreendem este jogo multidimensional, porque só a restringem à ‘briga’ e à ‘disputa’ de ‘poder’.

⁴ Segundo Viera (1995), diz que “Geralmente é estabelecido um corte que separa a capoeira **moderna** de sua vertente **tradicional**, a saber, Capoeira Regional e Capoeira Angola. Esse tipo de abordagem, que geralmente trata a Regional como um forma **descaracterizada** as capoeira original, pressupõe uma dualidade que não se verifica na realidade(...)” (p.87)

1.2 Importância do trabalho

Qual a importância de pesquisar sobre a corporeidade na capoeira e o que esta tem a ver com Educação Física? A importância de estudarmos a corporeidade na capoeira, está na ligação desta com a Educação Física, que é a de aproximarmos ambas e pensarlas a partir dos novos paradigmas das Ciências Humanas (Naturais e Sociais).

Na Educação Física há uma crescente necessidade de aproximação desta nova compreensão com os desenvolvimentos científicos atuais que colocam o ‘ser humano’ em primeiro plano, pois o que encontramos nesta área é uma prevalência da idéia de ‘movimento humano’ de maneira ‘mecanicista’, e excessivamente ‘controladores’, com um predomínio do velho paradigma dentro das Ciências do Esporte que “*geralmente, define o movimento como um deslocamento no tempo e no espaço físico. Isso garante, segundo o paradigma empírico-analítico, a objetividade e a cientificidade da abordagem*” (KUNZ & TREBLES, 2006, p.23).

1.3 Objetivo geral

Compreender por meio de alguns grupos, a organização da capoeira de Florianópolis e a capacidade de ‘atenção’ que os capoeiras têm sobre o atual conceito de ‘Corporeidade’.

1.4 Objetivo Específicos

- Entender o que são ‘formas’ de organização e hierarquia;
- Compreender o significado simbólico do novo paradigma ‘espaço-temporal’ na manifestação cultural da capoeira;
- Interpretar a ‘corporeidade’ diante das novas abordagens filosófico-científicas;
- Identificar a necessidade da integração dos novos paradigmas na formação de professores no Curso de Educação Física;
- Desenvolver (como pesquisador), as capacidades de atenção, observação, percepção e, conseqüentemente, compreensão;

2. REFERENCIAL TEORICO

Há muitos anos filósofos e cientistas já apontam para um novo paradigma, mas muitas pessoas ainda permanecem no velho paradigma mecanicista, dentro da Educação Física encontramos esta predominância de determinadas correntes teóricas presas ainda a velhos paradigmas que a ciência e a filosofia há anos vêm chamando a atenção a uma nova dimensão da compreensão de ‘natureza’ e do ‘ser humano’.

Apresentaremos por meio do referencial teórico, alguns autores que utilizamos e que marcaram esta caminhada de formação de um pesquisador. Não temos a pretensão de um aprofundamento radical, mas na medida das possibilidades, alguns apontamentos que, nesta busca de formação como pesquisador, consideramos necessárias para a familiarização das discussões propostas e para a introdução destas novas dimensões da compreensão.

Para ampliarmos esta compreensão de “nós mesmos”, ou seja, sobre as recentes **descobertas** e **interpretações** científicas sobre o ‘ser humano’ e o meio no qual vivemos nosso cotidiano, estaremos utilizando alguns autores de diversas áreas das ciências fundamentais nesta busca de uma sustentação teórica para o entendimento, segundo Cardoso (2004), das **atualidades** e das “**emergências humanas**”, do conceito de **corporeidade** e do ‘**se-movimentar**’, dentro da Educação Física e da compreensão da corporeidade na capoeira, através das suas organizações na cidade de Florianópolis.

A falta de compreensão ‘do homem sobre o próprio homem’ é um reflexo da maneira como são tratados os conhecimentos científicos. Vivemos em uma sociedade onde se valoriza o conhecimento científico, muitas vezes mais que a própria experiência cotidiana. A ciência dita, hoje, a nossa maneira de agir e tornou-se nossa religião. O problema se encontra nos métodos científicos que predominam atualmente, principalmente nas ciências naturais que são os métodos empírico-analíticos, considerados por muitos como o único método confiável de ciência.

Mas nos últimos anos, as novas descobertas vêm nos mostrando o contrário, o que vimos percebendo, é que as verdades descobertas através destes métodos são instáveis,

ou seja, mudam com frequência cada vez maior, o que faz despertar nossa atenção, segundo o autor acima citado, para uma nova “emergência humana”.

Este grande domínio dessas ciências teve como reflexo uma desvalorização da ‘experiência humana vivida’ em detrimento do conhecimento científico. Szamosi (1988), em seu trabalho intitulado ‘Tempo & Espaço-As Dimensões Gêmeas’, nos demonstra claramente esta relação:

Faça a uma pessoa normal, inteligente, com base de instrução normal, mas sem treinamento especial em física, a seguinte questão: uma bola é atirada de certa distância, com determinada velocidade e certo ângulo, contra uma parede. Onde estará a bola depois de tantos segundos? Em regra, tal pessoa não será capaz de calcular a resposta. Sem um conhecimento bastante bom das leis da mecânica, ele ou ela não encontrará a resposta correta. Mas ponha uma bola na mão desta pessoa e lhe peça para lançá-la na parede e apanhá-la, e não haverá problema algum. Apenas por perceber a velocidade inicial, o ângulo e a distância (os dados fornecidos no exemplo), ela saberá exatamente onde e quando a bola estará (a pergunta feita), e poderá ser capaz de levar em consideração os efeitos da gravidade e da resistência do ar. A solução de um jogador competente é, sob todos os aspectos, tão boa como a de um físico competente. Ambos obtêm, a partir das mesmas condições dadas, a mesma resposta correta - exceto que o jogador a consegue muito mais depressa que o físico (p.8).

As experiências acumuladas durante longos processos de evolução biológica do homem, segundo a ‘Teoria da Transgeracionalidade’ de Elias (1998), nos dá condições de realizar tais operações, mais rápido e mais eficazmente que qualquer método instrumental que possamos inventar, pois tal acúmulo se dá na dimensão simbólica. Mas como podemos ter acesso a este conhecimento? Como podemos acessar este acervo de sabedoria herdado de nossos ancestrais? Vamos encontrar também em outros autores, como Heidegger (apud Cardoso, 2004, p.98), que nos fala deste local, também simbólico:

‘Buscar alguma coisa’ não significa, absolutamente, o mesmo que ‘investigar alguma coisa’ e pesquisar tematicamente alguma coisa’ significa simples e imediatamente buscar alguma coisa em seu lugar e buscar este lugar. No modo grego de pensar,... significa: ‘eu busquei a mim mesmo”.

Mas este reinado das ciências empírico-analíticas obscureceu este conhecimento ‘interno humano’ e o homem passou a assumir a ignorância de viver a realidade dada através dos ‘cinco sentidos’. Este paradigma ‘causa-e-efeito’, predominante nas ciências, colocou o homem descontextualizado da ‘natureza’ e exteriorizou os problemas.

Na capoeira encontramos muitos problemas como rivalidades, brigas, disputas de poder, medo, e estes problemas são citados como resultados, muitas vezes, da maneira como se organiza a sociedade em que vivemos, ou a forma como os praticantes de capoeira estão organizados e nas hierarquias, ou seja, obedecendo ao ‘modelo social externo’.

Então, é no ‘nosso interior’ que vamos buscar estas questões, como diz Maturana (2001), na Teoria da Biologia do Conhecer, é na ‘objetividade entre parênteses’, que surge a compreensão da corporeidade na capoeira, como um sistema que se auto-organiza e se manifesta através de organizações e grupos. Mas como estas organizações e grupos acontecem? Quais princípios que elas obedecem?

Para aprofundar mais e entender como ocorre estas organizações e grupos, é fundamental que respondamos uma pergunta básica. O que é *organização*? Vemos que este verbo tem origem na palavra *órgão*, e isto no dicionário (LUFT, 2000) significa a “parte do corpo de um ser vivo destinada a cumprir uma função vital” ou mesmo “cada uma das partes de um maquinismo com função determinada”. Organizar também possui sinônimos como ordenar e estruturar, deste forma, podemos definir um conceito para organização como *a estruturação ou ordenação de partes de maneira a formar um sistema*. O fato é que nascemos no mundo, somos ‘homens-no-mundo’ e isto não podemos negar, desta forma, desde que nascemos possuímos uma ‘organização interna’ e estamos organizados externamente com o meio. Sendo que já nascemos inseridos em alguma organização e hierarquia, não necessariamente num sentido horizontal da palavra de relações de poder, mas vertical, por qualidades e experiências individuais.

2.1 A Teoria dos Sistemas *autopoiéticos* de Humberto Maturana em sua Biologia do Conhecer

Para entendermos melhor esta questão iremos recorrer a uma explicação biológica deste fato e para isto utilizaremos o autor chileno Humberto Maturana. Segundo Maturana (1997)⁵, os seres vivos, incluindo os ‘seres humanos’, estão organizados socialmente de acordo com a maneira de se organizar biologicamente. Ele nos conta que todos os seres vivos estão estruturalmente organizados em cadeias

⁵ Humberto Romesín Maturana é Ph.D. em Biologia (Harvard, 1958). Nasceu no Chile, estudou Medicina (Universidade do Chile) e depois Biologia na Inglaterra e Estados Unidos e é professor do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Chile.

circulares fechadas sendo que o que se conserva é a circularidade chamada por ele de *autopoiése* (auto-criação).

Maturana (2001), diz que os seres vivos

...são um tipo particular de máquinas: são máquinas moleculares que operam como redes fechadas de produções moleculares tais que as moléculas produzidas através de suas interações produzem a mesma rede molecular que as produziu, especificando a qualquer instante sua extensão (p.175).

São estas características de redes fechadas de auto-criação que os define como seres vivos e também o que se perde com a morte. Como sistema autopoiéticos moleculares

... os seres vivos são abertos ao fluxo de matéria e energia. Enquanto sistemas autopoiéticos, sistemas vivos são sistemas fechados em sua dinâmica de estados, no sentido de que eles são vivos apenas enquanto todas as mudanças estruturais forem mudanças que conservam sua autopoiése (p.175).

Desta maneira o que se conserva nos seres vivos é a sua autopoiése que o define como ser vivo e o que não se conserva é a sua estrutura que se modifica de acordo com meio ao qual este está inserido. A partir de sua estrutura inicial, o devir causa mudanças contínuas na estrutura do seres vivos, mas que são definidas por sua *organização* interna.

Os seres vivos passam por diversas mudanças estruturais determinadas por sua dinâmica interna ou desencadeadas pelo meio no qual está imerso. Este meio é constituído de outros seres vivos que também estão em contínua mudança estrutural. Um ser vivo conserva sua organização em um meio somente se sua estrutura e a estrutura do meio forem **congruentes** e esta congruência se conservar. Maturana (1997) diz que se não se conserva a congruência estrutural entre o ser vivo e o meio, “as interações no meio desencadeiam mudanças estruturais no ser vivo que os desintegram, e ele morre” (p.198). A **congruência** com o meio significa também a congruência com outros seres vivos que também fazem parte deste meio, formando uma “unidade espontaneamente congruente”. A partir desta concepção chegamos à conclusão que os seres vivos sempre resultam em uma história, que segundo o autor, está em “contínua transformação de seu presente a partir de seu presente” (p.199).

Este mecanismo de conservação de sua organização (autopoiése) e adaptação entre seres vivos e o meio em uma relação de co-deriva na conduta dos membros que

integram um conjunto de seres vivos, que caracteriza um sistema social. E o autor diz que:

(...) qualquer intenção de caracterizar um sistema social de uma maneira em que não se reconheça a conservação da vida de seus componentes como condição constitutiva de seu operar, é equivocada e específica de um sistema que não gera os fenômenos próprios de um sistema social. Assim, por exemplo, um conjunto humano que não incorpora a conservação da vida de seus membros como parte de sua definição operatória como sistema, não constitui um sistema social (p.200).

Neste sentido, somos iguais a qualquer ser vivo, mas o que nos diferencia dos outros seres é que somos ‘seres linguajeantes’ e que na linguagem existimos como tais e tudo que nós como seres humanos fazemos, nos fazemos na linguagem no fluir de ‘coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações’ que se operam no devir por meio da conservação (p.130).

A linguagem é o domínio da qual nos fazemos como humanos, e a linguagem surge no processo de evolução biológica nas relações de coordenações de ação na linguagem dos seres humanos e na conservação desta a cada geração. Vivemos numa linguagem de objetos e representamos simbolicamente o que queremos comunicar, por meio de coordenações consensuais de coordenações consensuais de conduta, ou seja, quando falo a palavra pássaro represento o fenômeno simbolicamente, pois a minha palavra não é a coisa real que quero representar. Por exemplo, uma criança ao longo de seu crescimento, apreende consensualmente por meio das interações em coordenações consensuais que esta ação corporal sonora ‘pássaro’ significa um fenômeno, mesmo que esta palavra não tenha penas, nem bico, nem mesmo voe.

Szamosi (1988) cita que: “a evolução da linguagem permitiu que nosso mundo mental de espaço e tempo se tornasse ilimitado. Mas este mundo não é perceptível. É puramente simbólico” (p.10). Desta forma o autor cita que através da linguagem surge uma outra dimensão, além desta biológica, que falaremos mais adiante.

Maturana nos fala de outro domínio que antecede toda ação humana, que é o domínio emoção. A noção de linguagem trabalhada pelo autor é a referenciada e construída nas relações, que, por sua vez, são emocionadas.

Toda ação humana é antecedida de um emocionar-se, e percebemos, segundo Maturana (2001), o “emocionar” de uma pessoa de acordo com sua conduta, ou seja, ao falarmos de emoção não estamos nos referindo ao que convencionalmente tratamos como sentimento. Emoção, neste caso, “são disposições corporais dinâmicas que

definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (p.46). Identificamos cada emoção observando a conduta no domínio da ação, tanto dos seres humanos como dos outros seres vivos, e o autor (2001) diz que a diferença é que a maioria dos animais coordena seu comportamento “através de seu emocionar inato ou consensual” (p.179).

Este emocionar define o nosso domínio de ação, por exemplo, se estou irritado agirei irritado, se estou contente toda a minha ‘corporeidade’ agirá contente, conseguimos perceber as diferentes emoções através dos domínios de ação.

Desta forma, podemos definir duas maneiras, ou disposições corporais do ‘ser humano’ com relação ao meio: a) no amor como domínio emocional, que se funda na aceitação mútua, no reconhecimento do outro como legítimo na relação e é esta emoção que Maturana (1997), cita como gerativa do social e diz ainda que: “só se vai livremente com quem se ama” (p.206); e b) na coerção, que se configura o risco de perder a vida, neste domínio emocional do medo que pode levar um indivíduo ou outro a se organizar sem amor. O autor ainda cita que as relações de trabalho normalmente não se configuram como relações sociais, pois não se funda no amor, mas sim na sobrevivência (1997).

Nos seres humanos, o entrelaçar de emoções e linguagem, o autor define como “conversação”. E a conservação da conversação em uma rede fechada de conduta que definimos como cultura. E como vemos ainda em Maturana (2001):

(...) os mundos que vivemos como seres humanos surgem através de nosso viver em conversações como domínios particulares de coordenações consensuais de coordenações de comportamento e emoções, e qualquer configuração de conversações que começa a ser conservada em nosso viver, torna-se daí em diante o mundo em que vivemos ou um dos mundos em que vivemos. Isto é, o que aconteceu e o que acontece no curso de nossa história como seres humanos. Além disso, no curso de nossa história vivemos na conservação de cada mundo que vivemos como se ele fosse a própria base de nossa existência, e assim fazemos uma dinâmica de conservação, cujo resultado é que todos nós começamos a mudar em torno da maneira de viver conservada que o mundo conservado implica (p.180).

É corrente a idéia de que o mínimo para minha sobrevivência é o mínimo de minha cultura, ou seja, palavras como miséria e riqueza têm diferentes significados em diferentes culturas, pois estas conservações vão acontecendo de formas distintas nas mais diferentes culturas. Podemos encontrar, todavia, diferentes símbolos, diferentes noções de mundo conservadas nas mais variadas culturas. Szamosi (1988, p.11) nos relata: “Uma vez que os símbolos humanos são criados por culturas humanas

específicas, diferentes civilizações construíram diferentes cosmologias simbólicas e, assim, viram e descreveram o mundo segundo a estrutura de tempo e espaço simbólicos diferentes”. E neste devir do ‘processo civilizador’, segundo Elias (1998), é que o homem desenvolveu outras dimensões simbólicas que vão além das comumente conhecidas, que vamos abordar no item seguinte.

2.2 Ampliando a Compreensão da Dimensão Espaço-Temporal

É fundamental compreendermos as dimensões da natureza e as dimensões humanas, que na busca pelo ‘conhecimento de si mesmo’, o homem inaugurou.

O espaço é formado de três dimensões (largura, altura e profundidade), ou seja, tridimensional, como chamamos, entramos em contato com estas dimensões através dos nossos cinco sentidos.

Heidegger (apud Cardoso, 2004, p.104), diz o seguinte: “Tal tridimensionalidade repousa sobre uma espécie de quarta dimensão – não apenas uma espécie, mas uma dimensão efetivamente real” e diz ainda que “essa é na verdade a primeira das demais dimensões existentes, pois é dela que tudo se determina e se origina”.

A união das três dimensões do espaço mais o tempo, forma a quarta dimensão da consciência humana, que não se tem acesso por meio dos cinco sentidos, como diz Cardoso (2004, p.104), apenas por “ferramentas originárias desta dimensão que nos permitem sentir tais sensações”.

Esta dimensão é percebida pela consciência como duração (*durée*), e faz referência à experiência humana vivida que não pode ser reduzida ao espaço nem mesmo medida, pois esta duração é um ‘tempo interior’.

Assman (2001) exemplifica este tempo:

Quando experimentamos dor ou prazer, os instantes se tornam subjetivamente assimétricos. Na dor o instante é um sufoco interminável, na espera ele parece estagnar-se e no prazer ele dispara e se esvai. São muitas as formas de percepção que comprovam que o tempo, para nós, está de alguma forma supeditado àquilo que experimentamos”(p.216-7).

É no tempo quadridimensional, segundo Cardoso (2004), como ‘dimensão interior’ que temos o primeiro campo de experiência, e a partir deste, que podemos “aprender” tanto o futuro como o passado.

Os gregos falavam de dois tipos de tempo: 1) um é o *chrónos* ou cronológico (exterior), ou seja, o devir dos acontecimentos físicos, possível de medir por meio do relógio, dos dias, das fases da lua; e 2) o outro que se chama *kairós* (tempo interior).

Segundo Elias (1998), a noção de tempo (*chrónos*) nem sempre foi clara para os homens, ele diz que esta noção do tempo é fruto de um “alto nível de síntese” que se deu no “processo civilizador”. Em seus estudos, cita uma ‘quinta dimensão’ chamada de ‘espaço-tempo’, que nos possibilita compreender melhor as vivências e experiências humanas. Mas como o autor chega a esta constatação?

O autor desenvolve em seus estudos um processo que demonstra o refinamento de síntese do tempo na consciência, que se dá no devir do ‘processo civilizador’. Cardoso (2004, p.105), cita que o autor “já de saída coloca as coisas no seu devido lugar” com uma pergunta inicial: “Como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos?”

O autor ainda cita que “os sentidos pertencem à tridimensionalidade”, ou seja, não conseguimos ver, sentir, cheirar, tocar, ou mesmo ouvir o tempo, podemos apenas representá-lo, simbolicamente, por instrumentos como relógio, calendário e outros.

Mas até chegarmos a este mundo de representações simbólicas (quinta dimensão) como percebemos, um longo processo de síntese e conservação destas sínteses de geração em geração, posto que neste processo acumulativo todos os indivíduos deixaram suas contribuições para/nesta ‘quinta dimensão’ do ‘espaço-tempo’.

Elias (1998) esclarece melhor quando diz:

Podemos legitimamente afirmar que o relógio indica o tempo, mas ele o faz através de uma produção contínua de símbolos que só têm significado num mundo de cinco dimensões, num mundo habitado por homens, isto é, por seres que aprenderam a associar as figuras perceptíveis imagens mnêmicas específicas, e portanto, um sentido bem determinado(p.16).

Esta ‘quinta dimensão da consciência humana’, aqui apontada pelos estudos de Síntese do Tempo de Norbert Elias (na obra ‘Sobre o Tempo’), nos indica a dimensão de nossas determinações, interações, organizações e o conhecimento e nos mostra que no mesmo momento que se funde a outras dimensões na consciência, esta dimensão não se mistura e nos remete ao tempo único quadridimensional interior como o “caminho” onde podemos perceber a clareira oferecida do ‘mundo de antecipações em aberto do presente vivido’, ou seja, é nesta dimensão além da terceira que se manifesta o tempo

único vivo, onde consigo discernir entre os outros e o ‘si próprio’ e diferenciar o “eu quero” do “tu deves” (Nietzsche, 2006, p.52).

Heidegger (Cardoso, 2004, p.103), esclarece que: “Antes de qualquer cálculo sobre o tempo e dele independente, é no ‘iluminar alcançar-se-recíproco’ de futuro, passado e presente que repousa o elemento próprio do espaço-tempo do tempo autêntico”.

Esta constatação nos revela o caminho do retorno ao “que é verdadeiramente vivido”, o tempo interior, e amplia a nossa consciência de nós mesmos e de nossa ‘corporeidade’.

2.3 Do Corpo à Corporeidade/Corpóreo, ao ‘se-movimentar’ e às Propostas

Pedagógicas ‘Inovadoras’ para a Educação Física

É com este gancho das dimensões humanas, que vou agora e mais adiante, desenvolver compreensivamente, no intuito de que a ‘corporeidade’ possa ser entendida dentro de um novo paradigma.

Nesta busca, chamamos a atenção para as palavras ‘corpo e corporeidade’. Quando falamos ‘corpo’, subentende este como um ‘objeto no espaço tridimensional’, passível de medir e sujeito às leis da física clássica (Tridimensionalidade Euclidiana). Enquanto isso, a ‘corporeidade’ representa um ‘estado corporal’ do homem em movimento, que é intencional no ‘aqui e agora’ (espaço-tempo, ou seja, aqui = espaço e agora = tempo e perfeitamente unidas, como dimensões gêmeas).

O termo ‘corporeidade’ tem como finalidade, juntar o que foi separado pelo velho paradigma, ou seja, faz a união (ou melhor, comunhão) de corpo, cérebro e mente, tornando-os um só. Representa o ‘ser-no-mundo’, um constante vir-a-ser a partir do presente. Maturana (2001) confirma esta afirmação quando cita que

A presente corporalidade humana é o resultado da história de transformação da corporalidade dos membros de nossa linhagem humana como o resultado de seu viver em conversações, de modo que não é apenas uma qualquer (p.193).

Essa tradução da palavra ‘corporeidade por corporalidade’ deve ser submetida a uma reflexão criteriosa, pois sendo uma palavra de origem latina (*corpore*), quando transcrita por tradutores que não a interpretam de acordo com sua origem, caem no equívoco de usar como sinônimo a palavra ‘corporalidade’, que tem raízes aportuguesadas. Por isso ela cai, perde seu sentido original e volta a ser vinculada com o

velho paradigma ‘corpo’, e não com o novo paradigma ligado a um sistema orgânico vivo (organismo vivo), em um estado chamado ‘corpóreo’.

A compreensão da corporeidade nada mais é do que a compreensão do próprio ‘ser humano’, então porque este conceito se parece tão obscuro? Notamos que há um ‘esquecimento do ser humano pelo próprio ser humano’.

As ciências tradicionais nos fornecem conceitos de homem que se distanciam das nossas experiências corpóreas cotidianas sendo que passamos ter uma representação mental do homem em contraposição à experiência vivida. Santin (2001) ainda cita que:

(...) à distinção que fazemos entre o ‘eu’ existencial, concreto, vivido, e um outro eu que me é fornecido pelo conhecimento racional e científico, responsável pela representação mental do que devo adquirir de mim mesmo. Assim pode-se falar de um corpo vivido e de um corpo do conhecimento (p.64).

Apreendemos o mundo em que vivemos através de nossas experiências e também com outras pessoas que fazem parte do ambiente no qual vivemos, deste modo, herdamos a visão de ‘mundo das pessoas que convivem’. Estes conhecimentos que nos são passados, são conhecimentos aprendidos anteriormente e que foram passados de geração em geração e nem sempre refletidos. Muitos destes valores, conceitos e pré-conceitos aprendidos são interiorizados como sendo valores próprios e verdades absolutas.

A parábola contada pelo professor Cardoso nas aulas Corporeidade do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, nos revela uma destas situações de maneira bem simples:

“A menina, ao ver a mãe na cozinha, pergunta:
Mãe, porque a senhora corta o rabo e a cabeça do peixe quando vai assá-lo?
A mãe responde:
Não sei minha filha, aprendi com sua avó.
A menina vai até a sua avó e pergunta?
Vó, porque a senhora corta o rabo e a cabeça do peixe quando vai assá-lo?
Não sei minha filha, aprendi com sua bisavó.
A menina vai até a sua bisavó e pergunta?
Bisa, porque a senhora corta o rabo e a cabeça do peixe quando vai assá-lo?
Ah minha filha! Acontece que seu avô me deu uma fôrma de presente, mas era muito pequena, e por isso eu tinha que cortar o rabo e a cabeça do peixe, senão ele não cabia”.

No devir deste “processo civilizador”, estão misturadas experiências próprias e adquiridas que só poderão ser destacadas se compreendidas as diferentes dimensões

humanas, e feita à investigação interior na busca de si próprio. Como cita Heráclito, filósofo grego pré-socrático: “eu investiguei a mim mesmo”.

Somente nesta busca interior é que posso acessar o que realmente sou e o que é o outro. Compreender a corporeidade é investigar a si mesmo e desta forma ‘desenvolver’, ou seja, tirar o lixo que encobre o próprio ‘ser’.

Deste modo, segundo Santin (2001/2) “todos os valores negados pela racionalidade, como impróprios para a humanidade do homem, torna-se exatamente o ponto de partida de sua identidade”. (p.71)

Nietzsche (2006, p.60) nos fala de duas diferentes razões: a primeira é “grande razão” do corpo que ele cita como o “ser próprio” (corporeidade), e a segunda é a “pequena razão” a do ‘eu’ (ego) que o autor faz referencia como o “espírito”, e diz ainda que:

Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão acha-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido – e chama-se o ser próprio. Mora no teu corpo e é o teu corpo.

Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E porque o teu corpo, então, precisaria logo da tua melhor sabedoria? (ibid., p. 60)

É na dimensão do ‘tempo interior’ (kairós) que acessamos o ‘ser próprio’, e que nos permite ter consciência desse contato com ‘a grande razão’ citada por Nietzsche. Na experiência intemporal, perdemos a noção do tempo e do espaço como coisas distintas, ganhando uma experiência ‘espaço-temporal’, como coisas gêmeas. Na dicotomia sujeito-objeto não entramos em contato com o ‘eu verdadeiro’, só quando sujeito-objeto perderem o centro da atenção, me sinto ‘um’.

Pensar a Educação Física e a corporeidade é pensar o movimento humano em todas as dimensões, ou seja, não somente um corpo em relação ao espaço, mas multidimensional, um corpo que ‘se movimenta’ no espaço-tempo a partir de um ‘movimentar-se interior’ que é antecedido de um movimento exterior simbólico e este ‘se-movimentar humano’ surge como o principal foco de estudo (objeto de estudo) da Educação Física.

Compreendermos a Educação Física como a área que estuda e educa a este se-movimentar é ampliar significativamente a compreensão dominante sobre esta área, não significa uma mudança extrema nas atividades já trabalhadas, significa sim uma mudança radical, como um ir às raízes do problema e colocarmos o ser humano

“inteiro” no caminho de encontro a si, ou mesmo, cultivar o “ser” ao invés do caminho da preparação para o trabalho e a mecanização do movimento.

Agostini (2007), em seu trabalho de monografia chamado de ‘Compreensão da Corporeidade na Formação de Professores’, aponta para esta falta de compreensão da corporeidade entre os acadêmicos de Educação Física da UFSC e como resultado, do próprio ser humano:

A grande maioria não consegue, por si, enxergar o homem como um ‘ser’ que ‘se movimenta. A partir daí, podemos compreender a prática incoerente e sem fundamentos do profissional de Educação Física nas escolas, clubes e etc. (p. 91).

A Educação Física tem como área de interesse, justamente, o movimento humano, mas parece haver uma dificuldade, como vemos neste trabalho de Agostini (2007), em compreender este humano em movimento, ou mais precisamente, a corporeidade.

Aragão (apud AGOSTINI, 2007), diz que:

A corporeidade é expressa no conjunto dessas manifestações corpóreas, Corporeidade e motricidade são conceitos aparentemente muito teóricos, do mundo das idéias, e ao mesmo tempo, evidentemente práticos. Viver a corporeidade é caminhar para ir ao trabalho ou ao teatro. É namorar ou participar de movimentos políticos. É deslocar-se, através do movimento, no tempo e no espaço com uma intenção. ‘É viver a própria história em busca de algo mais daquilo que se é’. (p.23)

Esta dificuldade de compreensão é resultado de um ‘modo de pensar ocidental’, podemos dizer, na nossa ciência tradicional tentamos explicar o ‘todo’ (ser-no-mundo) através das partes, vemos isto claramente na maneira como nossas universidades preparam os futuros educadores/profissionais. Temos no curso de Educação Física uma divisão entre Licenciatura (Educação), que promete preparar educadores para atuar nas escolas, e Bacharelado (Física), que tem como finalidade os outros campos de atuação destes profissionais como academias, clubes e outros. Sem falarmos, é óbvio, das divisões por disciplinas em cada um destes campos: anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia e outros. A carência de disciplinas que tratam o ‘ser humano inteiro’, salvo alguns poucos alunos que conseguem fazer a síntese, causa uma grande confusão dos conceitos aprendidos e na aplicação destes no campo de atuação profissional.

O ser humano vive o mundo e interage com ele através do movimento, através deste se-movimentar do ser-no-mundo que expressamos quem somos e por meio do movimentar-se percebemos os outros.

Sobre este se-movimentar Kunz & Trebels (2006) cita ainda que: “Um ‘se-movimentar’ natural nunca é neutro, ele sempre é dirigido a algo, mostra algo, realiza algo, etc. O movimento, assim, não é objeto, mas sim meio e pré-condição para as experiências humanas mais ricas e variadas”. (p. 20)

Quando falamos em movimento humano não estamos nos referindo ao movimento de um objeto em relação ao espaço, como geralmente entendemos, mas ao movimento vivo, intencional, então sim, espaço-temporal.

Daí a importância de se considerar, nos estudos da Biologia, de forma imprescindível e sistêmica, a presença do sujeito. Por isso, a Biologia (bio), como ciência da vida – pois a coisa viva não surge da coisa morta – é obrigada a ‘reunir todos seus esforços num único ponto: a introdução do sujeito na biologia (...)’. (ibid, p.26).

Na sociedade dos dias de hoje vemos um predominância dos esportes e do culto ao corpo que nos trouxe como resultado uma padronização do movimento e as idéias do ‘movimento correto’, que padroniza nossos gestos e nos tornas meros copiadores e imitadores. Esta padronização restringe a ação criativa e espontânea do homem e desvaloriza e experiência presente vívida.

Encontramos na Educação Física duas propostas pedagógicas, que surgiram a partir dos anos de 1980 (Concepção de “Aulas Abertas às Experiências”, de Hildebrandt & Laging, 1986; Hildebrant-Stramann, 2001; Grupo de Trabalho Pedagógico, 1991); e a Concepção Critico-Emancipatória de Kunz, 1991, 1994, 1998), que segundo Cardoso (2004, p.19) nos apresentam “um início, por um lado, de ‘abertura e emancipação’, e por outro lado, de possibilidades de ampliação da compreensão sobre o fenômeno do esporte e movimento humano/corporeidade”.

Estas novas propostas vêm com intuito de emancipar o ser humano e proporcionar a autonomia, pois Hildebrant-Stramann (2001, p.83) afirma que:

Os homens hoje não aprendem mais a conhecer seu mundo pelas ações concretas ou pelo encontro com os fenômenos, mais sim por uma visão das coisas ou dos fenômenos, que os especialistas têm ou, então, o que eles projetam destas coisas ou fenômenos. (p.83)

2.4 A Capoeira como um Símbolo Humano (Quinta Dimensão-5D)

A partir das reflexões citadas, estaremos fazendo agora algumas considerações a respeito da ‘corporeidade’ na Capoeira e esta ‘compreensão’ do ‘se-movimentar’ dentro deste novo paradigma, mostrando as possibilidades desta manifestação na compreensão das dimensões humanas e na busca de ‘si mesmo’.

O que é Capoeira?

Deparamos-nos sempre com a mesma pergunta quando vamos falar de Capoeira, mas, por que é tão difícil defini-la? Entre os praticantes há uma grande discussão sempre que este assunto surge.

Vemos nos estudos de Rego (1968), que faz um estudo etnográfico do termo Capoeira e ele cita que: “Atualmente são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo *caá*, mato, floresta virgem, mais *puêra*, pretérito nominal que quer dizer *o que foi* o que não existe mais (...)” (p.21). Este termo ‘Capoeira’ é o nome que damos a esta manifestação cultural simbólica, mas também, o termo é utilizado para simbolizar vários outros fenômenos, conforme podemos ver com esse autor acima citado.

A Capoeira é um símbolo, e todo símbolo, segundo Mead (1972) e Elias (1998), faz parte de uma dimensão simbólica (quinta dimensão), e se manifesta nas ações dos indivíduos que a praticam. Desta maneira, só posso explicar este símbolo através da compreensão da ação dos indivíduos e que, por meio de minha experiência, reconheço simbolicamente como Capoeira. Se levar-mos em consideração que cada indivíduo pode interpretar o mesmo símbolo de diferentes maneiras, então temos diferentes maneiras de reconhecermos a Capoeira.

Encontramos nos trabalhos que fazem uma ‘narrativa histórica’(colocar alguns trabalhos), que este símbolo, em cada estágio da evolução humana, ou mesmo, em cada momento e lugar na história (tempo e espaço), é conservado, segundo Maturana (2001), em coordenações consensuais de coordenações consensuais, e é representado por uma corporeidade distinta.

Vemos que as ações humanas definidas pelo termo Capoeira, ao longo do ‘processo civilizador’ (tempo) e em diferentes regiões (espaço) do país, nem sempre foram iguais às que definimos hoje.

Os principais focos de Capoeira do séc. XIX, citados pelos historiadores, foram: Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Nestes três locais o termo Capoeira era utilizado para designar diferentes disposições corpóreas de domínios de ação.

Como podemos ver neste relato de Nestor Capoeira (1999):

A capoeira no Rio de Janeiro do século passado pode ser vista como grupos de negros e homens pobres de todas as cores portando facas e navalhas, atravessando as ruas em correrias; ou indivíduos isolados, igualmente temidos, conhecedores de hábeis golpes de corpo. (p.39)

Já em Recife, outro pólo de Capoeira, no início do século passado, estava ligada às festas, ao carnaval e ao frevo, como cita o autor:

No Recife os ‘moleques de banda’ saíam à frente do desfile de bandas no carnaval. Onde duas bandas se cruzavam, eram inevitáveis a violência e o derramamento de sangue. Os pulos e a ginga destes capoeiristas foram, mais tarde, transformados no passo, que é a dança executada ao som do frevo. (p. 46)

Porretes e navalhas eram algumas das armas utilizadas pelos capoeiras nesta época no Rio e em Recife. O termo ‘Capoeira’ estava intimamente ligado à violência que estas pessoas realizavam neste período, tanto pelas ‘maltas’ de capoeiras do Rio de Janeiro quando, segundo Silva (2006, p.45), pelos “brabos” de Recife.

Deste modo a prática da Capoeira passou todo século XIX sendo reprimida. Falcão (1996), diz ainda que “em 1820 o castigo comum de um escravo que fosse apanhado praticando capoeira era de receber 300 açoites e prisão de três meses” (p.28).

Era através desta corporeidade que a capoeira era definida nesta época principalmente nestes dois pólos que foram Recife e Rio de Janeiro, onde as pesquisas sobre a capoeira nestas duas cidades, principalmente na segunda, foram realizadas por meio dos Arquivos Policiais da época.

Nestes dois locais, junto a outras manifestações, a Capoeira representava verdadeiro ‘ciclo de violência’, que devido à tensão interna e repressão externa, comumente se desintegraram. Elias (1992) cita que no ‘processo civilizador’, estas disposições corpóreas fundadas na coerção, se extinguem:

“Os ciclos de violência são configurações formadas por dois ou mais grupos, processos de sujeições recíprocas que situam estes grupos numa posição de medo e de desconfiança mútua, passando cada um a assumir como coisa natural o facto de os seus membros poderem estar armados ou serem mortos pelo outro grupo caso este tenha a oportunidade e os meios para o efectuar. Uma configuração de grupos humanos com estas características possui, habitualmente, um forte impulso de alto-escalada. Pode terminar num acesso particularmente virulento conduzindo a vitória de um ou de outro. Pode levar a desfechos tais como um enfraquecimento crescente ou a destruição recíproca de todos os seus participantes”. (p.49)

Que foi como aconteceu no Rio de Janeiro e em Recife devido a forte repressão policial e a própria rivalidade interna entre as ‘maltas’, nestas duas cidades. A prática na cidade de Salvador, entre 1900 e 1930 é que mais se assemelha com o domínio de ação que reconhecemos atualmente como Capoeira. Segundo Silva (2006):

Já a capoeira na Bahia teve outras características. Tornou-se turística devido ao êxodo dos baianos para a corte na época em que começou o extermínio da capoeiragem. Lá a capoeira quando jogada tinha vínculo com o Candomblé, pois os praticantes, a uma certa hora paravam o jogo e iniciavam a cerimônia de cantar (“zuelar”) para os Exús (p.45).

Desta forma vemos que as disposições corpóreas que definiam a Luta simbólica que representa Capoeira, nem sempre foram iguais no processo de formação desta arte, e certamente não teve um começo pontual no curso histórico, mas sim é resultado de um longo processo de longa conservação e acúmulo simbólico, que começou antes mesmo dos primeiros africanos que desembarcaram como escravos nos portos brasileiros.

Como posso então, dizer o que ela é, se não a colocarmos, como cita Maturana (2001), numa condição de “objetividade entre parênteses” e descrevê-la através do domínio de ação que reconheço como sendo Capoeira?

Este símbolo não é nenhuma realidade objetiva, que existe independente do que fazemos, mas sim, algo que vou ligar a um fenômeno que tive como experiência, ou seja, que aprendi.

A Capoeira é um ‘se-movimentar’ que faz parte da ‘cultura de movimento humano’, nascida de uma ‘cosmovisão africana’ e resultado de um longo processo de mudanças, que segundo Elias (1985), chama-se ‘configurações sociais’. Neste processo de ‘amadurecimento’, os praticantes de Capoeira se ‘organizaram’, ou se estruturaram de várias formas, e atualmente estão ‘organizados’, nos chamados ‘Grupos de Capoeira’.

Elias (1985) cita ainda que:

Pode interpretar-se, facilmente, esta maneira de falar como se traduzi-se o fato de o grupo ser alguma coisa separada das pessoas que o constituem. Aquilo a que chamamos “estrutura” não é, de fato, senão o padrão ou a configuração de pessoas individuais interdependentes que constituem o grupo ou num sentido mais vasto, a sociedade (p.230).

Desta forma vemos que os grupos formados pelos praticantes não são mais do que ‘configurações de pessoas individuais’, que através de sua conduta e interdependência, reconhecemos como uma sociedade ou outra.

Quando assumimos esta ‘objetividade entre parênteses’, compreendemos que a cooperação, a aceitação mútua e o respeito são as verdadeiras tradições da Capoeira e dos grupos, desta forma a pergunta deixa de ser: o que é capoeira? E passa a ser: para quê serve Capoeira?

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo de Pesquisa

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa de tipo exploratório-descritiva. É exploratória, segundo Gil (1996, p.45), pois num primeiro momento foram feitas observações participantes para a escolha da amostra estudada e também para o “aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”, sendo que percorremos os diversos grupos de capoeira, tentando, inicialmente, captar a ‘idéias e intuições’ que nortearam os passos seguintes da pesquisa (1ª etapa – set./nov.-2006). É descritiva num sentido de descrição de características de uma população ou um fenômeno, mas com objetivo de ir além da “simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”, sendo que recorremos a algumas interpretações e teorias compreensivas sobre fenômenos sociais, de grupos e simbólicos (2ª etapa – mar./jul.-2007).

3.2 População e amostra

O início da pesquisa se deu entre setembro e novembro de 2006. Também participei de encontros e reuniões como rodas de capoeira, eventos (Batizados), treinos, um curso de formação de educadores populares de capoeira (PERI), entre outros.

Desta primeira observação foram retirados os critérios de escolha dos informantes, e notamos a presença de algumas categorias de organizações, sendo que uma delas é a ‘organização em forma de grupos’. Outro critério utilizado foi referente aos estilos de capoeira.

Também existem os que não fazem parte de nenhuma destas organizações em grupos. Chamarei aqui de “**capoeira avulso**”⁶, estes, em todos os casos encontrados, faziam parte de um grupo e por algum motivo deixaram de fazer parte destas organizações.

⁶ Capoeira avulso (explicar)

Há outro tipo de organização que se caracteriza por duas instituições que agregam mais de um grupo de capoeira dentro da mesma instituição que são a Confraria Catarinense de Capoeira e a Central Catarinense de Capoeira Angola.

Pelos prazos acadêmicos foram selecionadas pessoas que participassem de mais de uma organização de capoeira ou que fosse o líder de uma delas reduzindo o número de entrevistados sem perder a qualidade e a abrangência da pesquisa.

Foram escolhidos seis (6) professores de capoeira da cidade de Florianópolis e os critérios de escolha foram referentes a grupo, a estilo, a tempo de prática e a liderança, ou seja, foram escolhidas pessoas que fazem e que não-fazem parte de grupos de capoeira da Confraria ou da Central, pessoas com mais tempo de capoeira que já dessem aula e que coordenassem os espaços onde praticam, pois vimos que estas são as principais pessoas responsáveis por repassar o conhecimento desta manifestação que é a capoeira.

3.3. Instrumento para coleta de dados

1ª Etapa - Observação Participante

A observação participante foi um dos instrumentos utilizados na coleta de dados desta pesquisa. Esta observação participante teve dois momentos principais: 1) o primeiro onde visitei a maioria dos locais onde se pratica capoeira na cidade; e 2) a partir desta, foram escolhidos os espaços estudados e elaborados um roteiro de entrevista.

O modelo de roteiro para entrevista semi-estruturada realizada com alguns professores e mestres e praticantes de capoeira de Florianópolis, encontra-se em anexo.

2ª Etapa - Entrevistas-conversas

Na segunda etapa desta pesquisa, a partir das primeiras observações, foi montado um roteiro com objetivo de orientar as entrevistas que tiveram um caráter de conversa, pois aconteceu de forma descontraída onde tentamos deixar o entrevistado o mais a vontade possível para que pudesse fazer observações e qualquer tipo de comentário durante as entrevistas-conversas.

Para que na entrevista-conversa nada se perdesse e para que os dados fossem analisados posteriormente com maior qualidade foi utilizado um gravador e as entrevistas transcritas.

3ª Etapa – Novo enfoque teórico-metodológico

No semestre 2007/1 fizemos uma revisão do material coletado nas 1ª e 2ª etapas, considerando, então a partir, novos enfoques teórico-metodológicos, pois até então não havia visualizado suficientemente o objeto de estudo em questão.

Tendo ficado mais claro que nossa intenção era compreender a Capoeira do ponto de vista de uma produção cultural simbólica, tal qual a nova concepção de corporeidade, fomos então atendendo e penetrando nesse novo campo de investigação, que julgávamos, durante o curso, tão necessário para nossa formação acadêmica.

Portanto, apresentamos a seguir algumas dessas novas propostas teóricas:

- 1) Humberto Maturana: Teoria da Biologia do Conhecer = a concepção da ‘objetividade entre parênteses’; a auto-organização do organismo vivo como autopoíese;
- 2) Norbert Elias: Teoria das Configurações Sociais = a concepção da quinta dimensão (chamada de espaço-tempo) como a ‘consciência do tempo’ ou ‘experiência vivida’;
- 3) Propostas ‘inovadoras’ na Educação Física escolar = a Concepção de ‘Aulas Abertas às Experiências’ e a ‘Concepção Crítico-Emancipatória’.

3.4. Interpretação dos dados

Quando falo em interpretação de dados, quero dizer que estaremos utilizando critérios, e quer desta maneira, tentamos chegar a determinada condição de acordo com os critérios utilizados pelos autores do nosso novo referencial teórico-metodológico. Mas isto não quer dizer que outra pessoa, ao analisar o mesmo fenômeno, não poderá utilizar também outros critérios e chegar a outras conclusões, diferentes das anteriores.

Desta maneira, podemos verificar que a explicação de determinado fenômeno é determinado pela pessoa que o observa e pelos critérios que está utilizando na interpretação ou podemos falar da ‘experiência do pesquisador’, mas posso, ou não, aceitar a explicação dada por determinado pesquisador. Por exemplo, se uma pessoa pergunta a outra: como surgiu o mundo? E o outro responde: foi Deus quem criou. Para

alguns, esta pode ser uma explicação, mas para outros, não, e isto vai depender do critério de cada um.

O papel do cientista é pesquisar, de forma que suas explicações, resultantes do uso de critérios, sejam aceitas por ele próprio e pelo grupo ao qual pertence, mas se por acaso o cientista, na busca pela explicação, não encontrar argumentos que sirvam para a explicação, então continuará a pesquisa até que encontre algo em que considere como uma explicação satisfatória. Mas se ainda esta explicação não for aceita pelo grupo, isto vai depender, se na resposta-explicação conter todos os elementos da pergunta norteadora e se estas argumentações forem aceitas. Então a pesquisa atingiu seu objetivo e podemos dizer que ela conseguiu uma condição chamada no meio científico de ‘objetividade-entre-parênteses’.

Quando descrevo o mundo, faço isto utilizando minha experiência, mas se pedirmos para uma criança descrever o mesmo mundo, esta, já o fará de forma diferente e de acordo com sua experiência. Se considerarmos que cada pessoa possui uma experiência individual e intransferível, e que, a partir desta, cada uma faz uma leitura do mundo, temos, desta forma, muitas maneiras diferentes de entender o mundo que nos cerca.

Maturana (2001) nos fala que:

(...) a existência depende do observador, (...) vivemos em uma linguagem de objetos; falamos de objetos. Isto eu não posso desfazer, não posso e nem quero negar, porque é essa linguagem de objetos que uso para explicar. Mas reconheço, sim, que não tenho nenhum fundamento para supor que possa fazer referências a seres que existiriam independente de mim. Reconheço que a existência depende do que eu faço.

Maturana (2001, p. 35) chama isto de “*objetividade entre parênteses*” e diz que este não é apenas um modo de explicar, mas também uma maneira de me colocar em relação ao outro, pois quando assumo uma realidade independente de mim, e digo que tenho acesso a esta realidade, nestas circunstâncias, quem não tem acesso a esta realidade está equivocado porque não reconhece que, o que estou dizendo é verdade; e é verdade porque eu sei que é verdade e é independente de mim, ou seja, isto é assim porque eu digo que é assim e vocês tem que fazer assim, pois se não estão vendo é porque são limitados. (idem, idem).

Diz ainda que “a realidade é uma proposição explicativa”, em que a utilizo no esforço de explicar algo a alguém, mas que, quando no esforço para explicar algo a

alguém eu utilizo a objetividade entre parênteses *temos muitas realidade* (MATURANA, 2001).

Penha (1982, p, 29) diz ainda que:

Em consonância com essa “*humanização*” das ciências, Husserl introduz a noção de “*intencionalidade*”. A *intencionalidade*, eis o postulado básico da fenomenologia, é a característica fundamental da consciência, pois é através dela que aquilo que um objeto é se constitui espontaneamente na consciência. A intencionalidade estabelece uma nova relação entre sujeito e objeto, o homem e o mundo, o pensamento e o ser, ambos inseparavelmente ligados. (grifo do autor).

A técnica que utilizamos nesta busca foi a hermenêutica (arte de interpretar) num intuito de entender e tornar “transparentes pré-compreensões orientadoras”, ou mesmo, os pré-critérios utilizados pelos indivíduo em suas leituras referentes à capoeira e a maneira com o qual se organizam seus praticantes na cidade de Florianópolis.

É na interpretação dos dados que se apresenta a maior contribuição deste trabalho, pois aqui a consideração do indivíduo, tanto pesquisador como pesquisado, são pensados como fundamentais e fundantes das múltiplas realidades criadas, ou seja, a importância deste trabalho está na “recuperação” de um mundo onde “*caibam todos*” e neste sentido o método compreensivista se faz indispensável nas relações humano-humano, humano-sociedade-tempo e a hermenêutica para que possamos entender os limites das configurações sociais no tempo e no espaço.

4. DISCUSÃO DOS RESULTADOS

Na primeira etapa deste trabalho foram feitas observações e destacadas as formas de organizações descritas pelos praticantes de capoeira na cidade de Florianópolis.

Foram encontrados ‘grupos de capoeira’, ‘capoeira avulso’, também a ‘Central Catarinense de Capoeira Angola’ e a ‘Confraria Catarinense de Capoeira’.

Quatro formas de ‘organização’...

2ª Etapa - Apresentação e análise dos dados

Na discussão dos resultados desta segunda etapa não aparecerão todos os dados coletados devido a grande quantidade de informações que foram recolhidas. Estas serão analisadas seguindo o roteiro de entrevistas – conversa dividida em quatro (4) Blocos.

4.1 Bloco 1 - Dados Pessoais Referentes à Prática de Capoeira

Este primeiro Bloco das entrevistas-conversas tem como objetivo a caracterização dos grupos investigados.

Por opção metodológica, os nomes dos informantes não serão destacados no trabalho. Quanto ao tempo de prática, encontramos uma variação de 10 a 40 anos.

A graduação citada no item ‘c’, faz referência à posição hierárquica que cada informante ocupa dentro de seu ‘grupo’. Estas graduações dividem, basicamente, os praticantes em: 1) *alunos* - são considerados os iniciantes e iniciados que não se encaixam na fase seguinte que é a de; 2) *professores* - são aqueles que atingiram, de acordo com a hierarquia do grupo, o “direito” de dar aulas de capoeira e, por último; 3) *mestre* - é o nível mais elevado (docência) dentro da hierarquia do grupo. Dentre os seis (6) informantes, temos dois (2) professores, e quatro (4) mestres de capoeira.

O item ‘d’, teve por objetivo destacar as organizações de capoeira das quais os informantes nos relataram que fazem parte.

A partir deste primeiro bloco das entrevistas, os informantes foram ordenados e representados por algarismos romanos em ordem crescente de I à VI, e farão referência da seguinte forma:

Informante ‘I’ – mestre;

Informante ‘II’ – mestre;

Informante ‘III’ – mestre;

Informante ‘IV’ – mestre;

Informante ‘V’ – professor;

Informante ‘VI’ – professor.

4.2 Bloco 2 - Dados sobre o ‘Conhecimento em Capoeira’

Este bloco tem como objetivo captar informações sobre o início da prática da capoeira, o significado desta e a importância para seus praticantes. A partir destes dados, compreender, por meio da ‘interpretação das palavras/conceitos’, quais “realidades” estão focadas na atenção dos ‘capoeiras’ pesquisados.

Pelo caráter de conversa que as entrevistas apresentaram, algumas respostas ficaram um pouco diluídas entre os assuntos e algumas não foram respondidas satisfatoriamente, o que nos mostrou uma necessidade de um retorno às informações já coletadas para uma terceira etapa (3ª etapa) de interpretação destes dados, visto que nosso paradigma de compreensão também foi se alterando com a realização da pesquisa. Nossa intenção era retomar as entrevistas a partir dessas novas compreensões, no entanto, pelos prazos acadêmicos, não foi possível concretizá-las, o que não diminui o valor dado ao trabalho realizado até aqui. Deixamos, assim, em aberto, para uma próxima intervenção acadêmica quando da realização de um outro curso (em nível de Pós-Graduação).

No quadro de entrevista (I), conversamos com um mestre de capoeira. Como já éramos conhecidos, nos recebeu em sua casa e demonstrou muita disposição em contribuir para este trabalho. Esta conversa-entrevista foi bastante centrada nos relatos do informante que nos contou muitas “histórias” sobre Capoeira, na cidade de Florianópolis.

No relato, o informante (I) deu ênfase à questão da rivalidade que havia entre seus dois primeiros professores de Capoeira, como vemos aqui: *“Eu comecei capoeira*

*lá em Mato Grosso com o mestre Gato de Sinhá e ele se dizia aluno de Caiçara*⁷. Depois Fernandinho chegou, e os dois tiveram até uma **rivalidade** porque ele dizia que o Gato não era aluno de Caiçara”.

O informante (I) demonstra em seu relato que a rivalidade é como um domínio de ação e ‘coerção’. Seus dois primeiros professores surgem algo marcante no início de suas prática com a Capoeira.

No entrevistado (II), também mestre de Capoeira, a entrevista-conversa se deu no próprio local onde ministra suas aulas. Ocorreu durante uma aula, onde o mestre pediu a um de seus alunos que o substituisse enquanto fazíamos a entrevista.

No início, a conversa foi um pouco mais formal, mas no decorrer, percebemos que foi tomando um caráter menos formal, à medida em que a linguagem começou a ser mais abrangente e menos pontual.

O informante (II) nos relata fatos interessantes referentes a essa fase inicial na prática da capoeira: *“Naquela época os meus objetivos de capoeira eram outros, até porque ela trazia uma **sensação de defesa pessoal e de autodomínio** que fascinavam qualquer adolescente”*.

A capoeira é um símbolo construído, segundo Elias (1998), ao longo do ‘processo civilizador’, e desta forma pertence a um patrimônio simbólico da humanidade, encontrado na quinta dimensão do ‘espaço-tempo’, e este símbolo provoca ‘uma sensação’ (emoção) que, como cita Maturana (2001), especifica estruturalmente toda a ação, ou seja, é além da terceira e da quarta dimensões do tempo e do espaço, que se dá origem às nossas emoções e como consequência, nossos ‘domínios’ de ação⁸. O informante (II) cita duas ‘sensações’, onde uma delas é a de ‘defesa pessoal’ e a outra o ‘autodomínio’, mas o que compreendemos por defesa pessoal e autodomínio?

Se buscarmos a essência desta expressão como um conceito utilizado também em práticas Orientais, encontramos a ‘defesa pessoal’ como um defender-se ‘a si próprio’ contra algo externo e interno, num sentido de ‘autonomia’. Neste mesmo sentido, seguido de defesa pessoal encontramos a sensação de **autodomínio**, ou seja, o ‘domínio interior’, ou mesmo ‘conhecer-se a si’, indispensável na busca da ‘defesa pessoal’, pois como posso me defender de algo se não conheço a mim mesmo? E chamo a atenção ainda para o relato de que estas duas sensações “fascinavam qualquer

⁷ Antigo mestre de Capoeira baiano, considerado, por muitos, como representante da Capoeira tradicional (VIEIRA 1995).

⁸ ‘Domínio’ de ação: a ação está dominada por um repertório de emoções. Ex: música funk

adolescente”, hoje tão comentados como rebeldes e difíceis de entender. Neste relato vimos a fascinação que o autodomínio e a defesa pessoal causam, ou causavam nestes jovens.

No início deste mesmo relato, o informante (II) nos conta que este não é mais seu objetivo com a prática da Capoeira e ainda reforça em outro momento dizendo: “*A capoeira para mim, **hoje**, tem um objetivo, tem uma **percepção**, tem um significado diferente de quando eu comecei, acho que de todo mundo deve ser assim*”.

Destaco aqui duas palavras: “hoje”, que faz referência ao tempo cronológico (exterior) e também a “percepção” que faz referência ao tempo kairológico (interior), que segundo Kunz (2000/1, p.7) [é] “muito além de uma função orgânica funcional, constitui o nosso ser-no-mundo”. Notamos aqui o desvio de ‘atenção’ quando o informante (II) cita a mudança de sua percepção em relação ao símbolo ‘Capoeira’, sem dar-se conta.

O informante (III) é também mestre de capoeira e nos recebeu em sua academia durante uma sessão de treinos da qual fomos convidados a treinar. Logo em seguida fizemos nossa conversa. Poucos contatos tínhamos tido até então, mas pareceu não ter constrangido o informante, pois este se mostrou disposto a contribuir com nossa pesquisa.

Nesta passagem vimos os motivos que o levaram a começar a capoeira:

Eu vi pela primeira vez a Capoeira em Curitiba, com o mestre Sergipe fazendo uma demonstração na praça, e me chamou a atenção porque ele plantava muita bananeira⁹ e dominava muito o **corpo** e era um cara **forte**. Aquele domínio **corporal** me chamou a atenção (...). (grifo meu)

A expressão – *corpo* – é aquela que nos trás a idéia de ‘corpo físico’ e não de ‘corporeidade’. Destaco também a palavra ‘corporal’ referente a ‘corpo’, reduzido à tridimensionalidade, neste caso, os movimentos e a força física do praticante são destacados pelo informante (III) como principal fomentador, ou o que mais chamou a atenção. Desta maneira, nos deparamos com a expressão *domínio corporal* como fazendo alusão ao movimento do corpo e à estética deste movimento.

Logo à frente o informante (III) completa o sentido da frase e, de certa forma, confirma o anterior dizendo: “[...] eu estava a fim de fazer uma **luta**, já fazia Judô, então achei a capoeira interessante pelo lado do domínio **corporal** e o lado da música”.

⁹ Bananeira é uma posição ‘invertida’ onde a pessoa fica com os pés para o alto e se equilibra sobre as mãos.

A palavra ‘luta’ no mesmo contexto de ‘corporal’, trás consigo um sentido bem particular, ou seja, ‘briga’. Esta palavra nos remete a ‘embate corpo-a-corpo’, enquanto luta faz parte de uma compreensão da ‘dimensão simbólica’ (quinta dimensão). A palavra ‘luta’ indica e abre possibilidades para este ‘movimentar-se’ em todas as dimensões, pois significa um ‘esforço interior’, um ‘alcançar-se a si’, ao ‘equilíbrio’, não no sentido de *lutador*, mas de um ‘guerreiro’, como por exemplo, ‘um *samurai*’.

Por não termos nos conhecido ainda, a entrevista-conversa com o informante (IV), foi um pouco mais formal. Fomos recebidos em sua academia durante uma sessão de treino, onde o mestre escalou um de seus alunos para que ficasse dando aula em seu lugar enquanto conversávamos.

A conversa foi mais pontual e mais voltada a perguntas e respostas, até que o gravador que estávamos utilizando fosse desligado. Então o informante começou a falar e dar algumas informações que até o momento tinha tentado nitidamente desviar-se e não responder diretamente. Desta forma, em seu relato sobre o início com a prática da Capoeira, o entrevistado nos contou que aprendeu em outro estado e que veio para Florianópolis divulgar o trabalho de seu grupo e de seu mestre.

O informante (V), professor de capoeira, nos recebeu muito disposto a contribuir e ajudar no que fosse possível. Ele nos conta que o motivo que o levou a praticar a capoeira foi devido a sua descendência africana, como uma forma de estar mais perto da cultura de seus antepassados, como cita a seguir: “(...) *fui fazer capoeira por causa dessa idéia da **africanidade**. Tinha certa idéia já que vinha dos africanos do negro escravo*”.

Mas qual seria o significado da palavra ‘africanidade’? Se dividirmos a palavra temos “África”, como referência a um Continente e a seu povo, sua cultura e também vimos a expressão “dade”, que faz referência a um ‘estado’. Esta junção indica movimento de uma cultura e em todas as suas dimensões simbólicas.

Nos conta ainda, que no início, quando começou a fazer capoeira se decepcionou pela forma na qual as pessoas estavam encarando esta prática: “(...) *eles eram os **brigões**, tinha esta relação de violência, eu não tinha essa sedução de fazer Capoeira por causa dessa relação*”.

Vimos nitidamente nesta passagem, a relação ‘briga e luta’. O informante, que é descendente de africanos, nos demonstra que não reconhece na violência praticada pelas pessoas que fazem capoeira, algo que lhe coloque perto de suas origens africanas e de

sua busca por esta ‘africanidade’, o que lhe faz abandonar temporariamente a prática da capoeira.

O informante (VI), também professor de capoeira, recebeu muito bem o convite da entrevista e também se mostrou muito disposto a ajudar com este trabalho. Sobre seu começo com a capoeira, ele conta que começou a fazer na escola onde estudava, pois um professor de capoeira, vindo de Brasília, começara a estudar na mesma escola: “*eu estudava no mesmo colégio deste cara que veio de Brasília e nos conhecemos e eu já fazia karatê naquela época, então comecei a treinar com ele, pois eu gostava de Capoeira mais não tinha acesso*”. Conta ainda que depois de algum tempo é obrigado a parar de treinar, por imposição de seu professor de karatê e só volta à Capoeira nove anos depois, como vimos:

Quando eu cresci mais, **me toquei** que estava tudo **errado**. Eu sempre **gostei** de Capoeira, então eu parei em 1983 e voltei apenas em 1992, fiquei quase dez anos afastado da capoeira. Volto em 1992 e fico até hoje, mas então decido que não vou parar mais, pois na época eu parei porque era moleque e era **influenciado** pelo professor.

Nesta passagem vimos que quando o informante fala “*me toquei*” ele está se referindo à sua percepção, ou seja, que percebe algo de “*errado*”, e o que estava errado era o fato de não estar fazendo o que sempre quis fazer. Cita como motivo, a questão de ser moleque, e desta forma, ser “*influenciado*” (“*in*” como de dentro de algo, “*fluente*” referente à corrente, ou mesmo a algo que flui, ou fluxo, e “*ia*”, sufixo que indica ‘um estado’) pelo seu professor de karatê, quer dizer, estava ‘fluindo de dentro de outra corrente’ e acabou percebendo que queria fazer capoeira, ou seja, percebe seu ‘fluxo interno’, desta forma, teve critérios para discernir sobre o ‘desvio’ que cometeu quando abandonou o que sempre quis fazer. O equívoco está no fato do informante (VI) fazer referência à ampliação da percepção como resultado do ‘com o passar do tempo’ (exterior), sendo que a percepção se dá internamente, fora do espaço e do tempo, e não faz parte da tridimensionalidade dos cinco sentidos.

Noutro momento do Bloco-2 tive como objetivo, captar as informações referentes a outros aspectos, como a importância e o significado da capoeira para cada um dos entrevistados e a pergunta sobre a opinião sobre a diferença da capoeira para as outras práticas, como vimos o informante (I):

Capoeira é uma missão, ela te procura, e aí você não consegue dar conta, então às vezes a gente é invocado e quando se é invocado para uma missão você vai procurar se lapidar ou você vai ser lapidado no caminho para você cumprir da melhor maneira possível, elucidando as pessoas, conscientizando as pessoas, mostrando os valores éticos, os valores humanos e o espaço da capoeira.

Nesta passagem, o informante percebe a Capoeira simbolicamente como uma ‘missão’, e por meio dela você vai se lapidar (quando como um escultor, ao esculpir ou ‘lapidar’ uma peça, ele não faz nada além de tirar as arestas, ou seja, não coloca nada exterior, apenas tira o que não presta, a partir de uma ‘imagem’ que já está em seu interior - mente). Mostra a Capoeira, não como algo objetivo, mais sim algo que nos coloca no ‘fluxo interior’ subjetivo, e ‘elucida’, ou seja, trás à luz valores éticos, humanos e individuais.

O mesmo informante (I) nos revela a contradição, quando nos mostra inquietação ao falar de capoeira em relação a outras ‘lutas’, pois cita que a capoeira não é entendida como uma ‘luta’, no sentido de combate corpo-a-corpo, ‘briga’ (agressão física de ‘corpos físicos’ pertencentes à tridimensionalidade), como vimos:

(...) a Capoeira não é compreendida enquanto luta, ela pode ser luta também ela pode ser dança ela pode ser qualquer coisa. Então para os entendidos de luta ela não é uma luta, ela tem muitos elementos interessantes, mais a respeitabilidade do capoeirista enquanto lutador perante outras lutas deixa a desejar, em minha opinião (...).

O entrevistado cita a palavra ‘luta’ num sentido de técnicas ‘corporais’ que auxiliam na briga, eficientes para uso em competições e a compara a outras ‘lutas’. Diz ainda que neste sentido competitivo de ‘briga’, o capoeirista ‘deixa a desejar’.

Podemos, deste modo, utilizar a comparação com esta citação do informante (I) com a fala do informante (II), como forma de verificarmos a existência de pontos de vista diversos em um mesmo assunto: *“Então se você acredita que a Capoeira é uma luta de libertação nesse sentido de luta? Chama o pessoal do Muay-Thai e ‘cai no pau’ com eles”*.

Podemos notar que nesta discussão, existe outra compreensão de dimensão na ação de ‘lutar’, quando vimos a expressão – ‘neste sentido de luta’ - o informante (II) demonstra sua atenção para uma dimensão simbólica de luta, para além da briga. Anteriormente ainda cita a expressão - Luta de Libertação - e questiona a possibilidade de libertar-se apenas nesta dimensão reduzida de luta, ou seja, do embate físico.

Na entrevista-conversa com o informante III encontramos estas informações sobre capoeira:

A ginga¹⁰ e a forma de jogar, usando muito as mãos, usando muito agarrão, e também uma postura muito prepotente isso, para mim, foge do princípio da capoeira que é a humildade, ou seja, não transparecer o que você é. Chegar com humildade e não mostrar o que tem, mostrar o que tem de acordo com o desenrolar do jogo.

O informante (III) utiliza a ‘objetividade entre parênteses’ e faz referência a disposições corpóreas de ação (Movimento Humano) que não reconhece como Capoeira. Dentre estes, cita que usar ‘muito as mãos’ e ‘muito agarrão’, e ‘prepotente’ como disposições que se afastam do ‘princípio’ deste ‘símbolo’. Cita que no domínio de ação do ‘não transparecer o que você é’ que o informante (III) reconhece como ‘humildade’ e que relata como princípios da Capoeira.

Neste relato, o informante (IV) comenta uma ‘mudança’ quanto ao seu comportamento, como vimos:

(...) eu mudei bastante desde que saí da minha ex-escola, mudei bastante no sentido de briga na roda, até na própria academia mesmo ninguém mais chuta ninguém, porque eu acho que tem que vir aqui para aprender capoeira e arrumar amizades, então meu trabalho mudou bastante de um **tempo** para cá.

O informante cita o evento de ‘sair da ex-escola’, como ponto de referência de sua ‘mudança de percepção’ quanto a ‘briga na roda’ de Capoeira, mas não deixa claro se o evento lhe causou a mudança ou a mudança é responsável pelo fato de sair de sua ex-escola. Ele fala que esta ‘mudança interna’ (intemporal, tempo interior, kairós), pode ser notada no ‘tempo cronológico’ (exterior), como se constata em seu trabalho diário.

Notamos nesta passagem, que a ‘mudança interna’ realizada só é percebida por ele, como um observador, depois de um certo tempo ‘exterior’, ou seja, já é um tempo que passou, não é o ‘presente vivido’ (segundo a expressão usada por Schütz, 1979). Para que fosse um ‘presente vivido’ ele teria que ter se dado conta da sua relação com o ‘tempo interior’, como um observador que se auto-observa tanto externa como interiormente.

Cardoso (2004, p.160), diz que: “Quanto ao tempo interior, ou *durèe*, nossas experiências atuais são ligadas, (...) ao ‘passado por meio de lembranças e retenções e

10

ao futuro por meio de protensões e antecipações”’. E diz ainda que: “Esse presente vivido tem origem na interseção da *durèe* com o tempo cósmico” (p.160).

O informante (V) nos demonstra claramente nestas passagens como ele define o jogo da Capoeira. Segundo ele: “*você mostra a sua arma e a pessoa se curva. É tão interessante que nós sabemos quando aquele martelo ia pegar nós sabemos, dessa ponteira esse cara não escapava*”.

Chamo a atenção para a luta, além da tridimensionalidade citada neste depoimento, pois ele faz referência a uma dimensão simbólica (quinta dimensão) onde a luta se dá e cita dois golpes de capoeira que são aplicados com o pé: ‘martelo’ e ‘a ponteira’, como um exemplo de ‘arma’. Fala também da comunicação durante o jogo da capoeira, da qual a percepção e a intuição estão em ‘pleno’ funcionamento no ‘saber’, na ação, no agir comunicativo. Uma comunicação além das palavras, e deixa claro que os jogadores ‘sabem’ quando o golpe aplicado ia pegar no outro ou não. Completa, dizendo: “*Esse demonstrar é muito mais sedutor do que o completar o golpe*”.

Vemos nesta fala como o informante (VI) nos explica o significado da capoeira. Na sua opinião: “*A capoeira para mim é tudo o que eu faço na vida, um dia já fiz outras coisas, nunca foi tão intenso como é hoje, mas a capoeira é minha vida. Tudo que eu faço é capoeira*”.

Vemos aqui que o símbolo ‘Capoeira’ não está desligado do indivíduo, ou seja, do praticante e da sua vida como uma ‘realidade independente do observador’, mas sim ela é o que o praticante faz dela e o grau de ‘discernimento’ que faz deste ‘fenômeno’.

- Nos informantes (II, IV e VI) vemos a falta de compreensão das dimensões humanas, ou mesmo os fenômenos na percepção confundidos com os fenômenos mensuráveis externamente;
- Há confusão nos relatos dos informantes (I e III) quanto à compreensão da Capoeira como um ‘símbolo’ da quinta dimensão que vimos na predominância do caráter explicativo ‘briga’;
- Percebemos a compreensão da dimensão simbólica da capoeira enquanto ‘luta’, nos informantes (II, IV, V, VI);
- A ‘objetividade entre parênteses’ dos informantes (III, IV) quanto ao explicar a Capoeira como algo simbólico;
- A questão da ‘africanidade’ citada pelo informante (V), e esta como resultado do processo de síntese e de formação de uma outra dimensão da consciência

humana, (quinta dimensão do espaço-tempo) em conservações de conversações que formam o que denominamos de cultura.

4.3 Bloco-3 Dados sobre os “Diferentes” Estilos de Capoeira

O Bloco-3 tem o intuito de destacar as informações sobre os **estilos de capoeira** de cada informante, a **opinião sobre os estilos, a diferença entre eles**, na busca de compreender as múltiplas realidades de domínios explicativos da organização, por meio dos depoimentos dos praticantes escolhidos.

O informante (I) comenta sobre como era o trato de seu professor sobre a questão dos estilos da capoeira:

*[meu professor]... ensinava uma Capoeira mais **primitiva, uma Capoeira mais espontânea**, não tinha um estilo definido, era uma Capoeira **brincada** uma movimentação. Ele não treinou muito, então não tinha aquela coisa muito técnica muito marcada.*

Vimos a ligação da “Capoeira brincada” e “espontânea” a uma prática mais ‘primitiva’, ou seja, em ‘estágio inferior’ ainda não submetido a manipulações, padronizações de movimento e outras influências da cultura contemporânea. As palavras ‘espontânea’ que significa: de livre vontade, sem obrigação, não premeditado (treinado), e ‘brincada’; remetem-nos para a questão da ‘Corporeidade’ presente na prática da Capoeira deste antigo professor, uma prática sem ‘preocupações’. Indica a capoeira como uma ‘movimentação’, causada pela falta de ‘treino’ (repetição, padronização, ‘movimento correto’, técnica).

O informante (I) quando questionado sobre esta questão dos estilos, relata:

(...) então que eu fui começar a compreender essa coisa dos estilos, e aí a questão das quedas¹¹, por exemplo, já não é a questão só da Regional, mas da Senzala¹², e ele me passou esses fundamentos, as bandas, vingativas, e uma série de técnicas que eu desconhecia, eu não sabia que existia, jogava capoeira o negócio era rasteira, cabeçada. Mais pegar, essas coisas eu não conhecia, desconhecia.

Encontramos, no dicionário Luft (2000) o significado da expressão ‘estilo’ como: “a maneira particular de se exprimir em qualquer arte”.

¹¹ Golpes que tem como objetivo tirar o equilíbrio ou mesmo derrubar. Ex. bandas, vingativas, entre outros.

¹² Senzala....

Cada indivíduo possui uma experiência diferente, intransferível, e a partir desta experiência adquirida no ‘seu viver no mundo’ é que cada indivíduo se relaciona com este mesmo mundo. É isto que nos faz dizer que não existe uma pessoa igual à outra, mesmo no caso de indivíduos extremamente semelhantes ‘fisicamente’ como gêmeos, percebemos que cada um possui um ‘estilo de vida’ diferente, adquirido no seu ‘estar no mundo’, que define sua identidade.

Neste ‘modo de pensar ocidental’ (velho paradigma) em que vivemos, há uma busca pela identidade que se faz não mais no ‘movimento próprio’, mas sim no ‘movimento correto’. Neste ambiente os ‘estilos’ deixam de ser características individuais e passam a significar modelos de técnicas e padrões de movimentos que ‘devem’ ser devidamente ‘treinados’ e copiados, ou seja, aprender algo, dentro deste esquema significa ‘fazer corretamente’ de acordo com os modelos.

Já no informante (II) encontramos a seguinte referência aos estilos:

(...) eu acho que existem valores nos três estilos de capoeira, porque eu considero o Contemporâneo como um estilo de capoeira, tem gente que não considera, mas eu considero. Se a mestiçagem gerou uma raça, a mestiçagem de capoeira gerou um novo estilo, gerou uma nova concepção de capoeira eu acredito nisso.

O informante cita três ‘estilos’, ou seja, três padrões técnicos de Capoeira, sendo que considera o ‘Contemporâneo’, como uma mestiçagem (mistura étnica). O equívoco está no fato de o informante (II) creditar ‘valores humanos’ a ‘estilos de Capoeira’ (dimensão simbólica da consciência humana), e desta forma se utiliza da ‘objetividade sem parênteses’, ou seja, vê os valores nas ‘coisas mesmas’.

O informante (III) nos relata, a opinião de alguns capoeiras sobre seu estilo de jogar e descreve as características: *“Nos adaptamos a jogar uma Capoeira mais segura e mais objetiva e puxando os movimentos mais naturais, mas treinamos tudo para poder enfrentar os outros jeitos de jogar”*.

Ele cita a ‘adaptação’ a uma ‘Capoeira objetiva’, no sentido da ‘objetividade sem parênteses’, ou seja, na dimensão da ‘briga’ e confirma ainda quando cita o fato de ‘treinar tudo’ (várias técnicas), ‘para poder enfrentar’, ou seja, confronto objetivo. O domínio de ação conservado é o do ‘enfrentamento’, o da ‘objetividade’.

O informante (IV) faz referência a dois estilos, como vimos na seguinte frase: *“A gente tem um estilo assim, como o mestre falava: **O camaleão**. Joga capoeira Angola, Regional, conforme o Berimbau¹³ tocar a gente está jogando capoeira”*.

Ele cita um animal conhecido como “camaleão” (família Chamaeleonidae) que tem uma característica muito própria de mudar de cor de acordo com o ambiente e como forma de se ‘camuflar’ de seus predadores, ou seja, esta adaptação que o informante define como seu estilo. Vimos aqui que o informante não cita o estilo em referência à técnica de movimentos, mas faz a ligação do ‘estilo’ de acordo com o momento (‘presente vivido’), onde cada momento se apresenta de maneira diferente.

Já no informante (V) vimos como ele define os estilos de capoeira:

Eu acho que já é meio que uma definição política, claro toda ação humana é uma ação política, eu acredito que as pessoas vão mais pela identificação política, quer dizer: o que me dá mais possibilidade de sobreviver nesse mundo medíocre que a gente vive? Na idéia mesmo de baixo, nesse mundo tão pequeno tão promíscuo que a gente vive.

O informante (V) nos relata que vê pelo prisma de que “toda ação humana é uma ação política” e que estas escolhas são feitas como forma de sobreviver. Faz referência ao mundo utilizando alguns termos como medíocre (na semântica da palavra “medíocre”, encontramos como algo que não é máximo nem ínfimo em sua classe, ou seja, mediano). O domínio de ação citado pelo informante é o de sobrevivência, a escolha de um estilo está diretamente ligada a este domínio de ação (ou seja, a estas disposições corpóreas de ação).

Chamamos a atenção para a explicação do informante (VI), sobre a questão dos estilos de capoeira discutidos até então. O informante nos fala que:

Acho que estilo existe na cabeça das pessoas, na hora de jogar capoeira cada um se vira do jeito que dá, na hora que o pé vem esquivo na marra. Treinam uma seqüência, mas, na hora tem que fazer o que a capoeira pede e fim de papo, por isto eu acho que a capoeira é uma coisa só, eu vejo assim, porque as esquivas na hora do jogo somem todas.

Cita a Capoeira como simbólica e reconhece que a realidade é produzida a partir dela, ou seja, ela está “na cabeça” de cada um. Cita também o ‘tempo presente’, quando indica que ‘na hora do jogo’ o praticante faz o que a ‘capoeira pede’, ou seja, ‘as

¹³ Instrumento utilizado na capoeira.

esquivas na hora do jogo somem todas’ e o que passa a funcionar é a ‘atenção no aqui e no agora’ (espaço-tempo = quinta dimensão simbólica).

- A certa confusão no informante (I) quanto à compreensão de corporeidade;
- A compreensão dos ‘estilos’, nos informante (I, II, III), está reduzida a padronizações, ao ‘movimento correto’ e à competição;
- Vimos os informantes (IV e VI) consideram ‘estilo’ a ‘adaptação’ às mais diferentes situações que possam encontrar.

4.4 Bloco 4 – Dados sobre ‘as Organizações’ de Capoeira

Por meio deste bloco- 4 procuramos destacar dados referentes às organizações de capoeira: **quais as organizações** que os informantes participam; **qual o motivo** que os levou a participar de uma organização; **como funcionam** as organizações citadas nestes depoimentos; em quais ‘realidades’ estão focadas a atenção dos informantes.

O informante (I) nos conta que passou por vários momentos da história da organização Capoeira e que esta nem sempre foi assim como vimos hoje. Quando começa a praticar capoeira em Mato Grosso com seu professor, comenta que:

(...) ele não carregava a questão filosófico-ideológica, essa coisa que hoje nós defendemos de doutrina de grupo, filosofia de cada grupo, estilo de Capoeira, a maneira de jogar e tal, claro que ela tinha uma maneira de jogar, uma maneira muito própria de jogo, não um eximiu capoeirista.

O informante cita o tempo cronológico na palavra ‘hoje’ (atualmente, ‘tempo exterior’), faz referência ao ‘modo de pensar ocidental’, ou seja, ao ‘velho paradigma’ da ‘objetividade sem parênteses’, e cita que seu antigo professor possuía “uma maneira muito própria de jogar”, ou seja, um ‘estilo individual’, como citamos anteriormente.

O informante (I) conta que a algumas décadas atrás, esta questão dos ‘grupos’ ainda não era forte e cita: “(...) a lógica que impulsionava o desenvolvimento da capoeira era muito mais na perspectiva da academia e a academia tinha os alunos”.

Vimos ainda a questão de outra forma de organização da capoeira, citada como ‘academia’, demonstra desta forma que a capoeira passa por várias organizações no curso histórico, ou seja, nas mais diferentes ‘configurações sociais’.

Logo depois, cita que devido à ‘influência’ que recebe de outros capoeiristas: “começo a me **preocupar** com o sistema de ensino, por causa da academia e em relação à **preocupação** com nome de grupo, logomarca”. Chamamos a atenção para a palavra ‘preocupação’, ou seja, se ocupar de algo antes mesmo de acontecer, e essa preocupação

gerada pela ‘influência’ como já comentamos anteriormente, ou seja, me ocupo de algo mesmo antes de acontecer, pois simbolicamente já capto esta necessidade na quinta dimensão. Fora do tempo e do espaço, mas sim no ‘espaço-tempo’, novo paradigma.

O informante (I) conta ainda que a partir daí “(...) *já não era mais academia e agora sim era grupo, já na **concepção de grupo** que tava aí, já começa nesse período (...)*”.

Simbolicamente deixa de ser academia e passa a outra ‘configuração social’ agora a de ‘grupos de capoeira’.

Esta organização em forma de ‘grupos’ passa a gerar alguns conflitos entre estas organizações, à medida que estas ‘novas organizações’ vão chegando e se instalando na cidade, como vimos: “*Então a gente começa a treinar sistematicamente também para combatê-los na roda, mas continua influenciando na organização também de grupo porque eu me organizo para me organizar mais que o outro*”.

Vimos um exemplo, como citado anteriormente, de ‘ciclos de violência’ e como estes ciclos se repetem se não nos damos conta. Estes ‘grupos’ começam a gerar muitos conflitos, pois cada um tem ‘sua doutrina’ (princípios, fundamentos), como citamos anteriormente, então a atenção dos praticantes está voltada para esta doutrina e não para os ensinamentos dos antigos professores que não carregavam estas ‘preocupações’ e jogavam uma capoeira mais ‘espontânea e brincada’.

Este ‘estado competitivo’, como ‘disposições corpóreas que definem os domínios de ação’, em que se encontram os praticantes de capoeira, como vimos na citação anterior do informante (I), é a própria ‘causa’ da formação dos grupos e do ‘treino exacerbado’, pois “*eu me organizo para me organizar mais que o outro*”, e treino para “*combatê-los na roda*”.

O que temos que deixar claro é que o ‘indivíduo não se apaga’ dentro destas ‘configurações sociais’ que vão se modificando no ‘processo civilizador’.

Esta situação causa desconforto, como temos a seguir: “(...) *alguém tinha que mudar, a partir daí, comecei a questionar a organização na lógica de grupo, e foi quando eu resolvi não ter mais grupo (...)*”.

A culpa desta ‘forma’ é transferida para a ‘formação de convívio social/modelo social/sociedade vigente’, e os problemas continuam sendo entendidos como de origem no ‘mundo exterior’, e assim não há ‘mudança interior’.

O informante (II) nos conta que há vários grupos de capoeira das mais variadas formas: “*têm alguns que são grandes, mas abertos, outros são grandes, fechados, alguns são pequenos, mais artesanais, fechados e outros são pequenos abertos*”.

Quando cita “grandes” e “pequenos” se refere à quantidade de praticantes, enquanto que aberto e fechado faz referência a relação entre os praticantes de um grupo com os praticantes de outro grupo. A questão de ‘aberto e fechado’ faz referência ao domínio de ação ‘aberto’, que significa a ‘aceitação amorosa do outro’ na relação, e ‘fechado’, é o domínio da sobrevivência e da coerção.

Cita ainda que passou por alguns problemas no ‘grupo de Capoeira’ do qual fazia parte, como podemos notar nesta fala:

*Exatamente, ela já tinha uma filosofia própria e tem Mestres acima, e os Mestres acima vão **mandar** e você vai ter de seguir isso porque **existe uma hierarquia**, tem uma coisa do respeito. Exatamente esse tipo de coisa que gerou a minha vontade de sair.*

Refere-se ao respeito unilateral, ou seja, referente à ‘hierarquia horizontal’ e não o respeito mútuo. Por este motivo resolve sair de seu antigo grupo e montar o seu. Quando questionado sobre a diferença entre seu antigo grupo e este novo trabalho, ele afirma: “*Liberdade de trabalho, eu trato de capaz para capaz, de capoeirista para capoeirista, por exemplo, existe uma hierarquia, mas eu tenho uma liberdade hoje*”.

Chamamos a atenção para a expressão “eu” que é citada duas vezes em “eu trato” e “eu tenho” em detrimento do ‘nós’ tratamos e ‘nós temos’. Há então uma polarização do ‘trato’ e do ‘ter’ no ‘eu’, como podemos notar na citação anterior, o mesmo motivo que fez com que o informante (II) deixasse seu ‘antigo grupo’.

O informante (III) conta como funciona seu grupo de capoeira e cita que possui vários professores dando aula em lugares diversos da cidade:

O que temos em comum é a disciplina, o respeito com instrutores e alunos, com relação a horário, a educação. Nós exigimos bastante nesta parte de ser educado, “saber chegar e saber sair”, e com relação à filosofia, ou seja, respeitar desde as crianças, mulheres, pessoas de outros grupos, os estrangeiros, nós respeitamos isto, e a nossa referencia é esta.

Chamamos a atenção para duas expressões que precisam ser refletidas para compreendermos esta passagem: a primeira é a educação, ou seja, ação de 'educar'. Na etimologia, esta palavra vem do latim *educare*, por sua vez ligado a *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora) mais *ducere* (conduzir, levar), e significa literalmente

'conduzir para fora'. A segunda é a palavra 'respeito' que temos como acatamento ou reverência (Luft, 2000), mas o respeito pode se apresentar de formas distintas, de acordo com o 'estado do indivíduo'. No primeiro domínio, chamado por Maturana (2001) de 'domínio do amor', o respeito em relação ao outro se dá na 'aceitação do outro na convivência' e o segundo domínio é o do 'medo', medo do castigo, da agressão, onde eu respeito o outro ou sofro sanções. Neste domínio o respeito não se dá na aceitação mais sim na 'tolerância do outro na convivência'.

Destacamos a palavra "exigimos", como fundamental nesta reflexão do domínio do "respeito" e no ato 'educativo'. O respeito 'conquistado' e o respeito 'exigido' como dois domínios corpóreos de ações diferentes.

O informante (IV) nos conta que saiu do grupo do qual fazia parte e resolve montar seu próprio grupo, e diz que: *"Era um grupo legal lá do meu mestre, só que era um grupo **grande** e tinha algumas coisas que eu não concordava, então decidi me afastar e montar minha própria associação. Agora eu faço do meu jeito, errando e tal"*.

A expressão "grupo grande" tem o mesmo sentido do comentado anteriormente, ou seja, da quantidade de pessoas filiadas a este grupo. Ainda noutra passagem o informante cita o motivo que o leva a se desligar do outro grupo: *"(...) dar mais atenção, até a atenção que eu não tive dar a eles (alunos) e **mostrar** a Capoeira mais unida, sem muita violência, sem muitas brigas"*.

Destacamos a palavra 'mostrar', ou seja, 'trazer à vista', e a relação educativa desta ação em comparação com a ação de 'ensinar' algo ou mesmo 'exigir' algo. Vemos que esta ação de 'mostrar algo' está dentro de um 'domínio de ação humana' de 'aceitação do outro'.

O informante (V) nos relata que participava de um grupo de capoeira, mas que não faz mais parte deste grupo, ele comenta que: *"pertencemos a uma família que se chama capoeira, o grupo é só o sobrenome"*.

O informante cita a palavra "família" que é uma organização social ('configuração simbólica' da quinta dimensão) e neste caso o critério de parentesco utilizado é a Capoeira (símbolo).

Noutro momento o Informante diz: *"Acho que as coisas caminham mais sem essas amarras dos grupos, os grupos servem para organizar simplesmente mas não se precisaria dessa organização"*.

Vimos a confusão, pois na mesma frase o informante (V) percebe a função dos grupos (auto-organização) e ele cita "amarras dos grupos", mas o que é um grupo de

capoeira, senão uma configuração simbólica de indivíduos? Quando o informante faz referência a ‘amarras dos grupos’, cita como se os grupos de capoeira existissem independentes dos indivíduos que constituem estas configurações simbólicas em suas ações.

O informante (VI) conta como foi o processo que o fez deixar seu grupo, segundo ele: “[meu mestre] pediu para que eu me retirasse do grupo porque ele achava que eu já estava preparado para seguir meu caminho e porque a gente já estava divergindo em algumas idéias (...)”.

Um grupo ou mesmo uma sociedade, segundo Maturana (1997, p.201) é: “Os membros de uma sociedade qualquer realizam esta sociedade em sua conduta, e com ela continuamente selecionam em seus membros antigos e novos, estas mesmas condutas”.

Desta forma vimos que os motivos que rompeu os laços entre o praticante e o grupo foi que a ‘conduta’ de seu membro não estava mais de acordo com o que o mestre dizia. Ali era o mestre quem definia os ‘domínios de condutas’ dos participantes dos grupos. Ele não reconheceu mais em seu aluno (informante VI) o domínio de conduta que considera fundante de seu grupo.

- O equívoco nas idéias de ‘grupos’ de capoeira como entidades independentes dos indivíduos citado pelos informantes (I e V);
- Os informantes (II, IV, V, VI) citam que tiveram problemas nos grupos do qual faziam parte, pois estes grupos possuíam características extremamente conservadoras e hierarquia em níveis de poder.

5. CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES

Nesta pesquisa vimos que de certa forma, predomina uma ‘confusão’ nos professores e mestres quanto a compreensão de Corporeidade na Capoeira.

Vimos a falta ou mesmo a pouca compreensão das ‘dimensões humanas’ e os fenômenos na percepção, confundidos com os fenômenos mensuráveis externamente (tempo cronológico). Encontramos também uma grande ‘confusão’ nos relatos quanto à compreensão da Capoeira como um ‘símbolo’, que segundo Elias (1998), se manifesta a partir da ‘Quinta Dimensão Espaço-Temporal’. Assim a confusão atinge a compreensão nos domínios do caráter explicativo ‘briga’, como também na compreensão dos ‘estilos’, reduzidos às padronizações, ao ‘movimento correto’ e à ‘competição’.

O equívoco nas idéias de ‘Grupos’ de Capoeira, como entidades independentes dos indivíduos, faz com que estes ‘grupos’ (‘configurações’) assumam características extremamente conservadoras e suas hierarquias se tornam um exercício de poder em vários níveis. Também percebemos um déficit na compreensão das ‘organizações enquanto sistemas’, ou seja, que levem em consideração as mais diferentes ‘corporeidades’ (estados dos organismo vivo – sistema vivo) em interação com o ‘mundo da vida’.

Há uma emergente necessidade de reflexão sobre estas questões, por parte dos professores de Capoeira e dos professores de Educação Física. Tanto o tema ‘corporeidade’ e o termo ‘tempo’, necessitam de reflexão no interior de seus respectivos grupos (Capoeira) e instituições (Formação de Professores). Assim também pensa Assmann (2001, p.228), quando diz que: “Nossa percepção do tempo nunca é atemporal (assim como jamais deixa de ser corpórea). Precisamos aceitar e valorizar nosso tipo de sensoriamiento do mundo e apreciar nossos sentidos de um modo radicalmente temporalizado”.

Esta aproximação do ‘homem’ com as ‘dimensões humanas’ não necessariamente precisa se dar por meio de difíceis conceitos acadêmicos de ‘tempo e corporeidade’. Penso que no caso dos praticantes de Capoeira, uma simples apropriação

do significado da cultura africana (cosmovisão africana) e de seus propósitos poderia nos colocar mais próximos de nós mesmos, de nossa corporeidade, ou mesmo uma maior atenção ao ensinamento dos ‘velhos mestres’.

Na Educação Física percebe-se estas novas tendências, se olharmos com outros ‘olhos’ para as atividades humanas trabalhadas nesta área como os esportes, a dança, a luta, o lazer, a brincadeira, o jogo entre outras. Santin (2001/2, p.72), diz que: “Falta apenas um leitor que abdique, por um momento de ser *homo sapiens* para ser *homo ludens*, que substitua os olhos da razão pelos olhos da sensibilidade, que transforma a visão objetiva do cientista, pela intuição subjetiva do poeta”. Desta forma propomos uma maior atenção à ‘outra bordagem’. Precisamos compreender que as atividades trabalhadas como conteúdos na Educação Física, valorizem mais a ‘experiência vivida’, ‘o saber’, o ‘tempo interior’, o ‘auto-conhecimento’, a ‘intuição’, a ‘cooperação’ e o ‘sentir’ em contraposição ao ‘movimento correto’, padronizações, a racionalização, exclusão, competição, tecnização, que são as formas de abordagens predominantes nesta área do conhecimento.

Estas são questões que têm como intuito aproximar esta manifestação cultural e esta área do conhecimento, mas não uma aproximação da Capoeira com os ‘velhos paradigmas’ da Educação Física e nem a Educação Física com a objetividade da ‘Capoeira’, mas uma aproximação destas duas no que diz respeito a sua área de interesse em comum, o ‘movimento humano vivo’, a ‘Corporeidade’.

6. REFERENCIAS

AGOSTINI, A. Compreensão de Corporeidade na Formação de Professores. Florianópolis, 104 f. **Monografia** (Curso de Educação Física-Hab. Licenciatura/CDS), UFSC. 2007.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARDOSO, C. L. Atuais paradigmas científicos “espaço-temporais”: novas condições na formação de professores. In: Semana da Educação Física e Mostra Acadêmica, 8, Fpolis, 2007. **Anais...** Fpolis, SC.: PET/CDS/UFSC, 19/21-06-2007. CD-R

_____. Emergência humana, dimensões da natureza e corporeidade: sobre as atuais condições espaço-temporais do ‘se-movimentar’. **Revista Motrivivência**, Florianópolis/UFSC, ano 16, n.22, p.93-114, jul.2004.

_____. Para compreender o “tempo interior em aberto”: reflexões a partir de Schütz e Mead em direção à Educação Física e o esporte. **Revista Motrivivência**, Florianópolis/UFSC, ano 13, n.18, p.151-64, mar.2002.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, N. 1992

ELIAS, N. 1985

FALCÃO, J. L. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. **Revista Motrivivência**, Florianópolis/UFSC/CDS, ano 11, n. 14, p.93 -134, maio/2000.

FALCÃO, J. L.C. & VIEIRA, L. R. (Orgs.). **Capoeira – História e Fundamentos do Grupo Beribazu**. Brasília: Starprint Gráfica e Editora Ltda, 1997.

FALCÃO, 1996. Escolarização da capoeira

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GRUPO de trabalho pedagógico UFPe/UFSM. **Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1991.

HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre ensino da Educação Física**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

KUNZ, E. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.6, n. 12, p.1-8, 200/1, Especial: Temas Polêmicos.

KUNZ, E. & TREBELS, A. H. **Educação Física Crítico-Emancipatória: com uma perspectiva da Pedagogia Alemã do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006.

KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 1998.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LUFT, 2000

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Buenos Aires: Paidós, 1972

NESTOR,

NIETSCHZE, 2006

PENHA, 1982

REGO, 1968

SANTIN, S. O corpo simplesmente corpo. UFRGS. **Revista Movimento**. Ano 6, n.15, p. 57-73, 2001/2.

SILVA, B. E. S. Menino qual é teu Mestre? A Capoeira Pernambucana e a Representação Sociais de Seus Mestres. [**Dissertação**] Centro de Ciências do Desporto - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

SZÁMOSI, G. **Tempo & Espaço: As dimensões gêmeas**. Trad. Jorge E. Fortes & Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

VIEIRA, 1995

ANEXO

1 Dados Pessoais referentes à prática de capoeira

- a. Nome;
- b. Quanto tempo de prática da capoeira;
- c. Qual sua graduação;

2 Dados sobre o conhecimento em capoeira (fenômeno é a atenção que a capoeira –ferramenta- chamou)

- a. O que levou você a praticar capoeira?
- b. Opinião sobre o que é capoeira?
- c. Opinião sobre a importância da capoeira sua vida e na vida das pessoas?
- d. Opinião sobre a diferença da capoeira para as outras práticas;

3 Dados sobre a linha ou estilo de capoeira (fenômeno são os modos diferentes de jogar capoeira)

- a. Estilo de capoeira que pratica?
- b. Que motivo o levou a escolher este estilo?
- c. Qual sua opinião sobre os outros?
- d. Opinião sobre a diferença do seu estilo praticado em relação aos outros. (regras de conduta).

4 Dados sobre a organização dentro da capoeira(fenômeno é a formação dos grupos)

- a. Faz parte de alguma organização na capoeira.
- b. O que levou (quais os motivos) você a buscar uma organização de capoeira;
- c. Qual a finalidade desta organização?
- d. Relacionamento com outras organizações de capoeira?
- e. Opinião sobre outras organizações de Florianópolis.
- f. Comentários adicionais.